



Carla Nobre, Bárbara Primavera e Rai Amorim
(Organizadoras)

AMAPÁ 80 ANOS

A PÁTRIA DAS ÁGUAS

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

329

SENADO FEDERAL



FIM DA VIAGEM?

Este livro traz, em cada página, uma aventura do nosso querido FLIMAC, feito de pura poesia. Ele traz em seu bojo a força do rio-mar, a palavra bendita de tantos poetas destas terras, destas águas doces e barrentas, de Oxum, destas matas. São palavras que cantam o estado de graça que é viver por aqui. Em cada linha, um verso, uma descoberta, um encantamento, um caminho novo a ser traçado pelos olhos e ouvidos atentos.

São poetas forjados no açai e na gengibirra ou no caxiri (caxixi).

Seja de saia roda
Seja de toque de tambor
Seja de chocalho de maracá
a palavra vem forte
quando vem do norte
para cantar do Amapá
assim, nenhuma viagem tem
fim, nem o nosso FLIMAC.

Andreia Lopes

EQUIPE DE COORDENAÇÃO

Organizadoras do Prêmio e da Obra:

Carla Nobre, Bárbara Primavera
e Raimunda Amorim

Comissão Julgadora:

Ana Anspach
Ivaneli Guimarães
Pedro Stkls

Equipe FLIMAC de Coordenação-Geral:

Carla Nobre
Andreia Lopes
Hayam Chandra
Cláudio Silva
Adriana Rodrigues

Equipe FLIMAC de Apoio Operacional:

Lua Maria
Talita Espósito
Renato Gemaque
Pedro Henrique
Samilla Thais R. Lima
Camila Nobre
Dillilson Moraes Sanches
Kássia Modesto

Equipe de Comunicação do FLIMAC:

Bárbara Ribeiro
Fernanda Miranda
Hendrew Rodrigues
José Eduardo Lima
Letícia Amorim
Mayra Carvalho

FOTO DA CAPA: Aog Rocha

Amapá 80 anos

SENADO FEDERAL

Mesa

Biênio 2023/2024

Senador Rodrigo Pacheco

PRESIDENTE

Senador Veneziano Vital do Rêgo

1º VICE-PRESIDENTE

Senador Rodrigo Cunha

2º VICE-PRESIDENTE

Senador Rogério Carvalho

1º SECRETÁRIO

Senador Weverton

2º SECRETÁRIO

Senador Chico Rodrigues

3º SECRETÁRIO

Senador Styvenson Valentim

4º SECRETÁRIO

SUPLENTES DE SECRETÁRIO

Senadora Mara Gabrilli

Senador Dr. Hiran

Senadora Ivete da Silveira

Senador Mecias de Jesus

CONSELHO EDITORIAL

Senador Randolfe Rodrigues

PRESIDENTE

Esther Bemerguy de Albuquerque

VICE-PRESIDENTE

CONSELHEIROS

Alexandre de Souza Santini Rodrigues

Ana Cláudia Farranha

Ana Flávia Magalhães Pinto

Ana Maria Veiga

Alcinéa Cavalcante

Bruno Lunardi Gonçalves

Carlos Ricardo Cachiollo

Eduardo Rômulo Bueno

Esmeraldina dos Santos

Fernando Pimentel Canto

Heloisa Maria Murgel Starling

Ilana Trombka

João Batista Gomes Filho

Marco Américo Lucchesi

Nathalia Henrich

Rafael André Chervenski da Silva

Victorino Coutinho Chermont de

Miranda

Carla Nobre
Bárbara Primavera
Rai Amorim
Organizadoras

Amapá 80 anos

a pátria das águas

Edições do Senado Federal
vol. 329

Brasília, 2024

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
VOL. 329

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país e também obras da história mundial.

Organização: Cristiano Ferreira
Revisão: Cristiano Ferreira, Laércio Franzon, Mariana Sanmartin e Marília Coelho
Capa: Thomas Gonçalves e Rodrigo Ribeiro
Foto da capa: Aog Rocha
Projeto gráfico: Eduardo Franco
Diagramação: Cintia Barbosa e Eduardo Franco
Fotos: Aog Rocha e Raih Amorim

© Senado Federal, 2024
Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes s/nº
CEP 70165-900 — DF
cedit@senado.leg.br
<https://www12.senado.leg.br/publicacoes/conselho-editorial-1>
Todos os direitos reservados

EQUIPE DE COORDENAÇÃO
Organizadoras do Prêmio e da obra:
Carla Nobre, Bárbara Primavera e Raimunda Amorim
Comissão Julgadora: Ana Anspach, Ivaneli Guimarães e Pedro Stkls
Equipe FLIMAC de Coordenação Geral:
Carla Nobre, Andreia Lopes, Hayam Chandra, Cláudio Silva e Adriana Rodrigues
Equipe FLIMAC de apoio operacional:
Lua Maria, Talita Espósito, Renato Gemaque, Pedro Henrique, Samilla Thais R Lima, Camila Nobre, Dillilson Moraes Sanches e Kássia Modesto
Equipe de Comunicação do FLIMAC:
Bárbara Ribeiro, Fernanda Miranda, Hendrew Rodrigues, José Eduardo Lima, Letícia Amorim e Mayra Carvalho

Amapá 80 anos : a pátria das águas / Carla Nobre, Bárbara Primavera, Rai Amorim, organizadoras. — Brasília : Senado Federal, 2024.
116 p. — (Edições do Senado Federal ; v. 329)

ISBN: 978-65-5676-582-2

1. Poesia, Brasil, coletânea. 2. Literatura, Amapá, coletânea. 3. Cultura, Amapá. I. Nobre, Carla, org. II. Primavera, Bárbara, org. III. Amorim, Rai, org. IV. Série.

CDD B869.1

LISTA DE FIGURAS

Parte I	Nossas águas são estradas líquidas de viagens e paragens	23
Parte II	Somos muitos viajantes e poetas nessas águas encantadas	63
Parte III	As águas do Vale do Jari abençoam nossa arte	91

SUMÁRIO

PREFÁCIOS

<i>Senador Randolfe Rodrigues, presidente do Conselho Editorial do Senado Federal</i>	11
<i>Professora Ivaneli Guimarães, Comissão Julgadora</i>	13
<i>Escritora Ana Anspach, Comissão Julgadora</i>	14
<i>Pedro Stkls, Comissão Julgadora</i>	15
<i>Yurgel Caldas, professor da Universidade Federal do Amapá</i>	16
A HISTÓRIA DESTA OBRA	18
<i>Carla Nobre, idealizadora do FLIMAC</i>	
NOSSO APOIO AO FLIMAC	21
<i>Claudio Silva e Adriana Rodrigues</i>	

I NOSSAS ÁGUAS SÃO ESTRADAS LÍQUIDAS DE VIAGENS E PARAGENS

Amapá “Lugar da chuva”	25
<i>Alessandra Del’Agnese</i>	
Riossignificar	27
<i>Criles Monteiro</i>	
Sinfonia das Águas	29
<i>Daniel Lobato</i>	
Amapá 80 anos: a pátria das águas	30
<i>Eliane Duarte</i>	
Epopeias dum caboclo	32
<i>Gabriel Guimarães</i>	
A Pátria das Águas	34
<i>Gerson Guimarães</i>	
O Lugar Amapá	35
<i>Hendrew Lima</i>	
Amapárança	37
<i>Jackeline Vaz</i>	
Minha Terra Amapá	38
<i>Janaina Freitas Calado</i>	

A Voz do Rio	39
<i>Jéssica Thaís</i>	
Patriotismo Pororoca	40
<i>JoJo Diera</i>	
Amapá: nossas águas, nosso mar	42
<i>Jouze Danielle Alves</i>	
Remanso das águas	43
<i>José Maria Dias</i>	
N/Forte	44
<i>Juliana Leão</i>	
Amapá – teu Marco Zero vou cantar	45
<i>Lia Borrvalho</i>	
Amapá	46
<i>Lu Souza</i>	
Metáfora	48
<i>Manoel Duvale</i>	
Destroços	49
<i>Márcio da Paixão Barros</i>	
Fortificantes da Amazônia	50
<i>Mariana Guedes Penafort</i>	
Parauyune	51
<i>Marven Junius Franklin</i>	
Amor Pororoca	52
<i>Mayra Campelo</i>	
égua, que terra é essa?	54
<i>Natanael dObaluae</i>	
Amapá, meu Lugar	56
<i>Pat Andrade</i>	
Fluente Afluente	57
<i>Ray Jardim</i>	
Amapá: 80 Anos de Encantos e Águas	58
<i>Nara Ferreira</i>	
Lamúria	59
<i>Sophia Pinheiro</i>	
Homogêneo?	60
<i>Tiago Quingosta</i>	

Raiz	61
<i>Ualeson Marques</i>	
A Passagem	62
<i>Valdenira Ferreira dos Santos</i>	

II **SOMOS MUITOS VIAJANTES E POETAS NESSAS**

ÁGUAS ENCANTADAS

No Meio do Mundo	65
<i>Adna Selvage</i>	
O menino	66
<i>Alda Sirleni</i>	
Som das águas	67
<i>Alan Delon</i>	
Quis Deus que eu nascesse aqui	68
<i>Andreza Rodrigues</i>	
Sou Costa Norte	69
<i>Annie de Carvalho</i>	
Fim de Tarde	70
<i>Augusto Oliveira</i>	
Amapá terra ancestral 80 anos	72
<i>Bruna Karipuna</i>	
Pra lembrar	74
<i>Bruno Muniz</i>	
Estado do Amapá	75
<i>Fábio Nescal</i>	
Águas a deslumbrar	76
<i>Ivaldo Sousa</i>	
Oitent'anos (do meu templo em mim)	78
<i>Joãozinho Gomes</i>	
Salve Amapá	80
<i>Jô Araújo</i>	
Macapaba	81
<i>José Queiroz Pastana</i>	
Octogenário do meio do mundo	82
<i>Leacide Moura</i>	

Amapá, cidade fortaleza	83
<i>Mathias de Alencar</i>	
Terra de chuva	84
<i>Maria Lua</i>	
Meu caso sério	85
<i>Mary Paes</i>	
A pátria que me escolheu	86
<i>Neth Brazão</i>	
Equinociando	87
<i>Ricardo Iraguany</i>	
Portal da Samaúma	88
<i>Rafael Senra</i>	
Amapá do amor	89
<i>Rostan Martins</i>	
Berço das águas: Amapá	90
<i>Cláudia Patrícia Nunes Almeida</i>	

III **AS ÁGUAS DO VALE DO JARI ABENÇOAM NOSSA ARTE**

Lugar de águas doces	93
<i>Ana Anspach</i>	
Recado da encomenda	94
<i>Bárbara Primavera</i>	
Encantos do meio do mundo	95
<i>Hayam Chandra</i>	
Macapá, meu meio do mundo	96
<i>Pedro Henrique</i>	
Colônia de peixes	97
<i>Pedro Stkls</i>	
Rio Jari	98
<i>Thiago Soeiro</i>	
Aûsub (saisu), do tupi amar	99
<i>Carla Nobre</i>	

AUTORES	101
---------	-----

PREFÁCIOS

Senador Randolfe Rodrigues
Presidente do Conselho Editorial do Senado Federal

É com imensa satisfação que tenho o privilégio de introduzir esta obra singular, fruto do esforço e talento dos poetas que participaram do Prêmio FLIMAC de Poesia, em comemoração aos 80 anos do Território Federal do Amapá. Ao longo deste processo, testemunhamos a paixão e dedicação dos participantes, que resultaram na seleção dos 30 poemas que compõem a Parte I deste livro, que leva o mesmo nome da edição.

Além dos selecionados, esta obra se estende para a Parte II e III, evidenciando a diversidade e riqueza da produção literária amapaense. A segunda parte conta com a contribuição de renomados escritores convidados, agregando ainda mais valor à primeira edição do Livro FLIMAC. Já na terceira parte, a coordenação deste trabalho também compartilha sua expressão poética, enriquecendo ainda mais o conteúdo desta publicação.

Assim, para mim, como cidadão amapaense e hoje Senador do Estado do Amapá, recebo com profunda gratidão o apreço em ser o primeiro leitor do livro e poder escrever este Prefácio, convidando mais leitores a se engajarem no movimento FLIMAC de difusão dos nossos artistas da palavra, pois é importante ressaltar o papel de todo o processo do FLIMAC na promoção e valorização da produção literária local, destacando a rica história e cultura do Amapá, seguida por uma reflexão sobre a importância da literatura como expressão e preservação desse patrimônio cultural.

Os poemas contidos neste livro traduzem o sentimento do Amapá que sonhamos nestes 80 anos de história. Comemorar esse marco com

um livro é, para mim, como historiador, a possibilidade de deixar grifado o nome de tantos poetas. Um livro nunca é apenas um livro. Ele é sempre memória. E neste, em especial, temos a memória de escritores que apresentam, além do talento, uma diversidade: negros, mulheres, LGBTQIAPN+, moradores de periferia, indígenas, quilombolas, veteranos e iniciantes, enfim, temos muito a dizer, em palavras diversas que se encontram nas águas de nossa história.

Por fim, leiam, recomendem e desfrutem dessa obra.

Professora Ivaneli Guimarães
Comissão Julgadora

A II edição do Festival Literário de Macapá (FLIMAC) envolveu dezenas de artistas amapaenses, nos mais diversos segmentos, atuando com foco principal na literatura.

O Prêmio FLIMAC de poesia fez parte dessa II edição do Festival, que é um projeto de incentivo e valorização da cultura amapaense, em especial da arte da palavra. Nesse contexto, jovens e antigos poetas e escritores puderam mostrar sua arte conduzidos pelo espírito festivo em comemoração aos 80 anos de criação do território.

O resultado desse lindo trabalho é o lançamento desta coletânea, a qual reúne textos incríveis, que nos levam a uma viagem por vários cantos dessa terra e que só confirmam quão grandiosa e valiosa é a cultura amapaense.

Esta coletânea mostra o talento e a riqueza dos artistas amapaenses que lutam constantemente para desenvolver nossa literatura. O FLIMAC, coordenado pela professora e poetisa Carla Nobre, é de extrema importância para esse desenvolvimento, visto que, nos últimos dois anos, conseguiu envolver diversos artistas locais, levando para as escolas públicas, lugares públicos e baixadas, música, poesia e cultura.

Me sinto honrada em fazer parte deste projeto, contribuindo na seleção dos textos, e poder comemorar 80 anos da criação do território do Amapá, mergulhada nesse mar de textos, algo que não foi fácil, pois os textos são de uma riqueza imensurável e nos fazem viajar pelos mais diversos cantos dessa terra, conhecendo a nossa história.

Parabéns à grande equipe que tornou esse sonho realidade!

Escritora Ana Anspach
Comissão Julgadora

Existem várias razões que fazem com que esta coletânea seja muito especial e vou enumerá-las. Ela nasceu de um concurso – certame democrático – com o tema “Amapá 80 anos: a pátria das águas”. Além de reforçar a importância da literatura no cenário cultural e de enaltecer as riquezas do Amapá, o concurso referente ao Prêmio FLIMAC de Poesias Edição 2023 ofereceu a oportunidade para que fossem revelados novos escritores que produzem a literatura do Amapá.

O lançamento de um livro é e sempre será um motivo de comemoração, especialmente para escritores que precisam buscar alternativas fora do estado, pois aqui não existe uma editora. E a maioria investe recursos próprios para viabilizar o lançamento de suas obras.

A forma como essa coletânea foi concebida também é muito relevante. Aqui cabe lembrar que o concurso foi lançado durante o II Festival Literário de Macapá (II FLIMAC), evento que já faz parte do calendário cultural da cidade. O Festival busca dar visibilidade à produção artística produzida no Amapá e valorizar a arte literária, fatores essenciais para a sociedade.

Ter participado como uma das julgadoras do concurso foi uma experiência inesquecível e permeada por muitas emoções: felicidade, deslumbramento e orgulho por conhecer novos talentos que fazem arte com as palavras. Foi uma honra receber o convite – agradeço publicamente a todos os envolvidos em nome da professora, poeta e coordenadora do concurso, Carla Nobre – e participar desse importante concurso que resultou nesta coletânea, que expõe um pouco da história do Amapá.

Finalmente parablenizo os escritores e escritoras que fazem parte desta obra e desejo que este livro seja o primeiro de muitos que virão na carreira de cada um.

Pedro Stkls
Comissão Julgadora

A literatura no Amapá aos poucos vai se conectando, encurtando distâncias, chegando pelos mais diversos meios: na maré do Rio Amazonas, nas rodas de poesia ou nos perfumados encontros. A coletânea “Amapá 80 anos: a pátria das águas” é mais uma dessas distâncias que se diminuem e nos fazem mais próximos, como se as palavras nos trouxessem para uma junção bonita e nos sentimos abraçados.

O meu sentimento enquanto parte integrante da comissão julgadora desta coletânea é de grande alegria e satisfação. Gosto quando a luta é bonita e a vitória é um resultado com pessoas que antes tinham seus poemas apenas nos cadernos e que agora ganham coragem e a liberdade de terem seus escritos ancorados na “Pátria das Águas”. A literatura do Amapá é repleta de gente que escreve sobre as suas vivências, sobre aquilo que está guardado no seu mais íntimo lugar, sobre as águas que lhes mostraram a beleza e o encantamento. Acredito que muitos de nós seremos a chave que irá abrir as portas por onde o mundo nos verá.

Yurgel Caldas
Professor da Universidade Federal do Amapá

Vim pelo caminho difícil,
a linha que nunca termina
a linha bate na pedra,
a palavra quebra uma esquina
mínima linha vazia,
a linha, uma vida inteira,
palavra, palavra minha.
(Paulo Leminski)

A epígrafe acima – do famoso poema de Paulo Leminski – representa um risco a que todo/a escritor/a, seja ele/a novato/a ou mais experiente, está sujeito/a: o risco de assumir o caminho das palavras, aquele que representa o mundo pela linguagem, o que por si só já é um ato de coragem. Falar o mundo, senti-lo e escrevê-lo é ação posterior à de sentir o mundo e ouvir o que ele tema dizer. E é isso que fazem os/as poetas da coletânea Amapá 80 anos: a pátria das águas, que vem ao público pela Editora do Senado Federal.

Fruto da iniciativa do Coletivo Juremas e da Associação Oi Noiz Aki, grupos que idealizaram e executam o Festival Literário de Macapá (FLIMAC) – já consolidado na cena artística e cultural da cidade de Macapá – esta obra é o grato resultado do Prêmio FLIMAC de Poesia.

Festivais e concursos literários, feiras, encontros e saraus, todo ajuntamento que estimule a produção, a circulação e a recepção do objeto literário é, cada vez mais, um clamor de nosso tempo. Num mundo cada dia mais moldado pelos ditames do capitalismo midiaticizado pela tela das redes sociais, este livro cumpre seu papel de fazer circular diversos recortes da experiência poética de estar e viver nessa pátria das águas que é o Amapá (cada um ao seu modo, cada qual com seu poema), para lembrar O lugar da chuva, de Lulih Rojanski.

O volume de inscrições (55 no total) e o número de poemas selecionados (30 peças) – como indica a escritora Carla Nobre, ativista da Literatura e idealizadora do FLIMAC – dão a medida do interesse que a arte literária desperta na sociedade. O sucesso desse festival literário – que faz parte do calendário da cidade – já começa a extrapolar a seara das Letras e indica alcançar outros públicos, como o do teatro, das artes plásticas, do cinema e da dança. Esse é um sinal inequívoco da importância do evento e da grandeza que ele representa num lugar que ainda na passagem do século XIX para o XX era tido como espaço de degredo de militares paraenses punidos por mal comportamento – quase uma colônia penal – mas que, tendo passado pela experiência do Território Federal, foi se conformando numa sociedade baseada em diversas formas de fazer e de consumir cultura, incluindo a cultura literária.

Por isso, e por muito mais, este livro é o selo da seriedade e do carinho com que as organizadoras Carla Nobre, Bárbara Primavera e Rai Amorim tratam a palavra poética como essa “linha que nunca termina”. O desejo de continuar correndo todos os riscos de escrever palavras – tarefa tão antiga quanto ameaçadora – está na linha das mãos de cada um/a que põe sua digital no papel desta obra, do hoje para o amanhã. Viva a poesia e vivam os encontros!

A HISTÓRIA DESTA OBRA

Carla Nobre
Idealizadora do FLIMAC

Macapá é a capital do estado do Amapá e possui uma população estimada, em 2021, de 522.357 habitantes, ou seja, aproximadamente 60% da população do estado está na capital. A cidade situa-se no sudeste do estado e é a única capital brasileira que não possui interligação por rodovia a outras capitais, o que dificulta escoar seus produtos, especialmente os culturais. Mas ela é também a única cortada pela linha do Equador e que se localiza no litoral do Rio Amazonas, o que a insere em um excelente lugar para o turismo brasileiro.

O nome da cidade é de origem tupi, como uma variação de “macapaba”, que quer dizer lugar de muitas bacabas, uma palmeira nativa da região, com um fruto que resulta em um delicioso líquido marrom. A nossa cidade possui, além dos atrativos naturais, uma rica história cultural e de resistência ao longo da história de ocupação da Amazônia.

Por outro lado, a cidade de Macapá possui ínfimos avanços no segmento do livro, leitura, literatura e biblioteca, em que os escritores fazem um trabalho relevante, porém pouco reconhecido e ainda sem visibilidade nacional. A cidade não possui editoras e não promove políticas de criação, produção e circulação literária. Assim, é necessário transpor as barreiras não só geográficas, mas estruturais, para desenvolver este segmento, potencializando o setor, que ainda enfrenta dificuldades para firmar sua identidade.

Em se tratando do tripé “livro, leitura e literatura”, nossa cidade ainda não possui instrumentos importantes, totalmente formatados, como o plano municipal do setor; as bibliotecas públicas ainda não estão de-

vidamente informatizadas, tampouco possuem um acervo atualizado e qualificado, especialmente no que tange aos autores locais. Estes, apesar de talentosos e de receberem prêmios nacionais, não têm incentivos das grandes editoras para publicar e não estão em catálogos importantes para o setor no país.

Assim, o Coletivo Juremas e a Associação Oi Noiz Aki, referendados pela Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003, que instituiu a Política Nacional do Livro, criam o Projeto Festival Literário de Macapá, o FLIMAC, para também inserir a cidade de Macapá no circuito nacional de festivais literários, dando ênfase numa retomada do setor no contexto pós-pandêmico que vivenciamos.

O evento pretende se transformar num grande acontecimento de cultura, lazer, curiosidades e entretenimento, consolidando e promovendo, cada vez mais, o incentivo, a valorização e a difusão da leitura. A agenda de atrações procura também fazer uma ponte entre cultura e educação, possibilitando aos alunos da rede pública de ensino e acadêmicos das universidades e faculdades da cidade o contato com as produções literárias regionais, nacionais e universais como forma de difusão da leitura, da cultura e do lazer, proporcionando assim momentos inesquecíveis de reflexão e construção.

O FLIMAC nasce, portanto, com o objetivo de atuar em espaços como escolas públicas, praças e outros pontos de acesso gratuito, buscando ampliar o acesso da população da cidade a atividades ligadas ao segmento do livro, leitura e literatura; bem como divulgando escritores e suas obras, além de aproximar a literatura de outras artes, como o audiovisual e a música.

Assim, também criamos o PRÊMIO FLIMAC DE POESIA, cuja primeira edição é de 2023 e traz como tema “AMAPÁ 80 ANOS: a pátria das águas”. Tivemos, no total, 55 inscrições e foram selecionados 30 poemas para compor a parte I de um livro que leva o mesmo nome da Edição, comemorando os 80 anos do território federal do Amapá.

Além dos selecionados, temos as partes II e III. Na segunda parte, foram convidados alguns escritores para compor a primeira edição de um livro com a marca do FLIMAC e, na terceira, a coordenação deste trabalho também pôde expor um poema. Isso só foi possível, consideran-

do o generoso apoio do senador Randolfe Rodrigues, que possibilitou a publicação da obra através do Senado Federal, a fim de desonerar nossos custos com a publicação. Trata-se de um instrumento sem precedentes para a literatura amapaense, que terá a oportunidade de ser distribuída em diversas escolas do Brasil, com uma tiragem de relevância. Isso vai muito além do que o FLIMAC sempre sonhou.

Assim, desejamos VIDA LONGA AO FLIMAC!!!

NOSSO APOIO AO FLIMAC

Claudio Silva
Adriana Rodrigues

A cidade de Macapá, nas margens do maior rio do mundo, possui importantes talentos e eventos na área literária. Porém, ainda é necessário um largo investimento para ultrapassar as barreiras geográficas.

O Ói Nóiz Akí, enquanto coletivo de empreendedores sociais e culturais, tem o compromisso com essa área, pois acreditamos no talento de nossos artistas. Por isso, estivemos juntos na realização do 1º, 2º e 3º Encontro Amapaense de Contadores de Histórias, Projeto Outubro Poesia – A Rosa do Povo, Circuito de Artes Integradas nas Comunidades, dentre outros.

O FLIMAC também é um dos projetos importantes em nosso portfólio, pois possui o objetivo de atuar em espaços públicos, com acesso gratuito, buscando ampliar o acesso da população da cidade em atividades ligadas ao segmento do livro, leitura e literatura; bem como divulgar escritores e suas obras, além de aproximar a literatura de outras artes, como o audiovisual e a música, o que consideramos de extrema importância. É desta forma que ampliamos as discussões acerca da cultura e das artes enquanto direito cidadão.

Já na primeira edição do Prêmio FLIMAC de Poesia, com o tema “AMAPÁ 80 ANOS: a Pátria das Águas” vemos um marco para a literatura amapaense. Com 55 inscrições e a seleção de 30 poemas para compor a Parte I do livro, fica evidente o impacto positivo que o prêmio teve na comunidade literária e, claro, para toda a sociedade. É também, uma oportunidade, sem precedentes para valorizar e difundir a rica produção literária da região, com enfoque especial para os novos talentos.

Destacamos ainda a importância histórica e cultural do Amapá, bem como a relevância da literatura para a celebração dessa obra tão especial.

Por fim, ressaltamos o papel do Prêmio FLIMAC de Poesia na promoção e valorização da produção literária local, apresentando outras possibilidades de escoamento da produção do lado de cá do Rio Amazonas.

Assim, desejamos VIDA LONGA AO FLIMAC!!!

I
NOSSAS ÁGUAS SÃO ESTRADAS
LÍQUIDAS DE VIAGENS E
PARAGENS



Foto: Aog Rocha

AMAPÁ “LUGAR DA CHUVA”

Alessandra Del’Agnese¹

A nação Nuaruaque deu o nome, Amapá.
Desce delicada seiva do amapazeiro,
Leite e fruto de antigas almas,
Amapá doce e de águas fortes

Que beleza é essa das suas sereias?
Um canto que encanta todos os
Ouvidos, águas de botos malandros,
Curvas que delineiam o rio.

Montenegro esquecido, deu-se em nome.
Amapá forte e derradeiro, lutas
Severas e sangue de seus filhos.
No ouro de seus veios, terra de mil sóis.

Terra encantadora, natureza sem par,
Corre o pequeno índio e traz em suas mãos
A terra ancestral, nas cores, danças e pés no chão.
O povo de alma sabe, ontem e hoje não há separação.

Ouve-se ao longe o tambor, é o Marabaixo de
Todos os santos, colorindo com suas saias rodadas.
Quilombolas a lutar desde sempre, no lundum
Giram e dançam com sua ancestralidade.

Dorme o sol no meio do mundo, vossa aurora
É deslumbrante, não há mais guerra sobre essa terra
Nem elos que detenham a frondosa Amapá,
Suas raízes profundas nutrem os seus filhos.

Amapá, gigante do norte, terra dourada
Livre em sua nobreza, terra de heróis
Oitenta anos a festejar sua bandeira
A celebrar com seu povo o canto da liberdade.

RIOSIGNIFICAR

Criles Monteiro²

eu rio,
rio pela boca,
e rio existindo.
rio do tamanho de um amazonas,
como quem atravessa países
e despeja vida doce nos oceanos.

tu também és um rio?
se teu umbigo foi fincado aqui,
sim, tu és um rio!

entendi que
atravessar baía,
é verso que só cabe em história de encantaria,
e essa mensagem chega com calma,
caboco que é de água, logo, entenderia.

nosso rio é tão mar,
que oferendas a ele
quero dedicar.
é que aqui a gente tem esse costume
de se recompor na beira-rio-mar,
basta apenas um fim de tarde chegar.

mas o que vão dizer de mim? e de ti?
nascentes dessa terra de desaguar.
terra e água,
dois elementos que se fundem num lugar sol.

isso explica a gente?
não sei!
mas quero aqui poder ficar,
e entender melhor onde me encontrar.

SINFONIA DAS ÁGUAS

Daniel Lobato³

No Amapá, berço onde as águas são canção,
Oitenta anos de histórias ecoam na imensidão,
Coração pulsante, natureza em sua mão,
Lágrimas de felicidade, a vida em profusão.

O rio, poeta eterno, sussurra sua nativa canção,
Versa em murmúrios o segredo da nação,
Conduz os sonhos em sua amazônica navegação,
Através das águas, surge o tempo em turbilhão.

Como Turé a vida dança ao ritmo das cachoeiras,
A magia brota das águas, fera e mansa,
O Amapá, mãe de águas, nos inspira em corredeiras,
Com sua essência que transcende a bonança.

Na Amazônia, és estrela a brilhar,
Guardião de segredos, na floresta a desvendar,
Sua história é um eco, um canto a ressoar,
Contribuição valiosa no vasto livro a folhear.

Nas águas, o passado, presente e porvir,
O caboclo Amapá vive, em cada gota a nos unir,
Oitenta anos de história, um eterno fluir,
Na sinfonia das águas, o Amapá a reluzir.

AMAPÁ 80 ANOS: A PÁTRIA DAS ÁGUAS

Eliane Duarte⁴

Protagonista de uma história de bravura
Lugar de chuva, somos tucuju de ternura!
Nome de origem indígena, Amapá!
Minha doce e destemida terra amada
És idolatrada pela sua jornada!
Banhada pelo grande rio Amazonas
Em meio a sua brisa, nos faz sonhar!
Onde o balançar do quebra-mar é de fascinar!
Terra de extraordinária beleza
Tens o forte, nossa fortaleza!
Localizada no meio do mundo
Pedaço da Amazônia, povo oriundo!
Preservando a biodiversidade
Nos destacamos em sustentabilidade!
Tens um selo com cores vibrantes
Onde fortalece nossa cultura marcante!
Com o som do batuque ao tambor
Celebramos com vasto fervor!
Magníficas festividades culturais!
Em meio a ladainhas, novenas e procissões
Aquecem com alegria e fé nossos corações!
Marabaixeiros, vêm, por favor!
Traz alegria para esse povo sonhador
Com suas saias coloridas, cheia de vida!
Alegram e fortalecem a nossa cultura!

Povo guerreiro, terra de fartura!
Comemorar essa admirável trajetória inestimável!
Do Oiapoque ao Jari às margens do rio Matapi!
Se deslumbrando na serra do Tumucumaque
Ao fascínio da cachoeira de Santo Antônio
Esse é o estado do Amapá, lugar belo de admirar!

EPOPEIAS DUM CABOCLLO

Gabriel Guimarães⁵

A pátria do meu delírio: sonho lancinado de rio.
Glorioso rincão brasileiro: tuas partes serenas de anil.

Amapá:

Vida permeada de parteiras e santos,
O São José desatando a sina dos nós.
Tão como os ribeirinhos e os cachos
Dos açazeiros. Das morenas.
Os laços no copo de água com açúcar
Das benzedeiras. Dos mandingueiros.

— Valei-me, senhor. Que calor dos infernos! O céu partindo-se em três
luas matinais

(Três para cada um único habitante), e a certeza de um caminho errante:

A fuga do trabalho para o banho às margens do Amazonas.

A predileta brincadeira de molhar-se nos âmagos do Maior...

E catando umas pedrinhas bem miudinhas vindas de Aruanda.

Jóias dispersas do Ser máximo.

São claramente as suas lágrimas de alegria

Ao ver os amapaenses valendo-se de sua glória.

Miraculosa história de guerras e independências,

Mesmo as cotidianas. Mesmo as anônimas.

Sacando do bolso da bermuda suas graças em lendas transformadas:

A aparição da cobra que secretamente viaja no entremeio das pedras;

O eletrizante guerreiro ambicioso, Poraquê, trepando no pé de vento.

Doce magia d'água.
Mãe dos frutos desta tão generosa terra,
Graciosa, volátil, prolífera extemporânea.
Corrente fácil de querer. Fácil de amar. Fácil de viver.

A PÁTRIA DAS ÁGUAS

Gerson Guimarães Jr.⁶

Mergulho na tua história,
Casos de risos e mágoas.
Um povo de luta e de lida
Amapá, a pátria das águas.
Foi num 13 de setembro,
Em Decreto ordinatório,
Getúlio determinou:
Amapá é território!
Percurso de vastas águas,
Lugar de imensa beleza,
Banhado pelo Amazonas,
Leito da Mãe natureza.
Maracá, Cassiporé,
Calçoene, Cunani,
O Jari e o Amapá,
E também o Araguari.
Por onde escorrem lembranças
E os sonhos de uma nação
Que luta e pede mudanças
Buscando a demarcação:
Karipuna, Palikur,
Galibi e Wayana,
Aparai, Tiriyo,
Wajãpi, Katxuyana.
Nos quilombos, nossos negros,
Simbolizam resistência
Fé nos Santos e Orixás
Perpetuam a existência.

O LUGAR AMAPÁ

Hendrew Lima⁷

Joia rara, tesouro da nação
Oitenta anos de história
Em plena exaltação
Terra fértil, com rios a se entrelaçar
És a pátria das águas, a nos encantar.

No meio da floresta
Teu povo, a morar.
Cultura e tradição, nunca deixa de faltar
Caboclos e ribeirinhos, no teu chão a plantar
Amapá, tua riqueza é nosso orgulho a brilhar.

De Norte a Sul, teus rios a correr,
Tantas vidas e histórias, a florescer
Nas margens dos igarapés é melhor de viver
Oitenta anos de lutas, e a Fortaleza de São José a nos guarnecer.

Tua natureza exuberante a nos inspirar
A fauna e flora, em tuas matas a abrigar
Amapá, és lugar abençoado
Isso não se pode negar
Oitenta anos de vida, muito o que celebrar!

Nas fronteiras do Brasil, teu lugar a ocupar
Amapá, de extrema importância, riqueza e beleza singular
Oitenta anos de história, muito a se comemorar
A pátria das águas, devemos aclamar!

Terra querida, de exuberância sem igual
Oitenta anos de glória, marco especial
Pelas águas que te cercam, és majestoso pedestal
Oh, pátria das águas, nosso patrimônio nacional!

AMAPÁRANÇA

Jackeline Vaz⁸

Eu que sou filha do Pará,
Vinda no navio no colo de mãe atrás de esperança.
Esperança de vida, esperança de matar a fome.
Eu que era maré vazante em fuga,
Nesta terra tucuju virei preamar.
Aquela que era filha da dor,
Agora, dança ao som do batuque na roda que não finda,
Com o coração gritando igual bem-te-vi quando anuncia poesia de criança.
“Amapárança.”

MINHA TERRA AMAPÁ

Janaina Freitas Calado⁹

Essa terra no meio do mundo, no extremo Norte do Brasil
A pontinha da Amazônia, que tanta gente pariu.

Essa terra que sudestino acha que não tem nada, só florestas
É um universo de cultura, de povos e de festas.

Terra de trovoadas, chuvaradas e ventanias, onde brota vida, brota
ciclos, brota amor.

Terra preta, vermelha, branca, marrom, terra de tudo que é cor.

Tem chuva do nada, tem sol na cabeça lascando
Vento forte do Norte e brisa fresca no equinócio chegando.

Nessa terra que é bem linda, eu mesma me brotei
E foi logo duas vezes, a primeira quando nasci e a segunda
quando voltei.

Ah! Minha Terra Amapá!
Me sinto forte, por aqui morar!

O AMAPÁ tem praia, tem cerrado, tem florestas de várzea, savana.
Tem o encontro do mar com o maior rio, tem até recifes, mana!

Tem caboclo e tem pardo, tem indígena e ribeirão
Tem branco e quilombola e marabaixo no Laguinho.

Égua, aqui tem tudo, é um canto abençoado
Que só perde para o resto do mundo porque é muito explorado.

Minha Terra Amapá, que orgulho tenho de ser daqui!
Volto agora formada, doutora e sou toda para ti.

A VOZ DO RIO

Jéssica Thais¹⁰

A voz do rio ecoa no infinito, se faz presente, inunda e alaga
Onde os sonhos palafíticos fazem morada.
Tudo aqui é água, maninha,
Desde o choro das meninas até o chão da minha catraia.
E a gente escreve nossas linhas meio desequilibradas, balançando,
Imitando as ondas firmes que derrubam nossas beiradas.

No cair da noite se escancara o eco vazio
Das vozes que desceram o rio sem esperança de voltar.
Preciso te contar, maninha,
Que as águas da nossa alegria são as mesmas do nosso penar,
Da correnteza o primeiro açoite,
na pele escura como a noite edificou-se a proteção do rio.

A voz do rio é nosso hino, às margens contam histórias,
Das águas nascem memórias que antecedem nossos destinos.
Te convido a mergulhar,
Não tem quentura que não se aquiete,
Não tem quebranto que não se aparte ao nessas águas se lavar,
E aqui no lugar da chuva
Os sons da terra hão de me perdoar
Mas foi pela voz do rio que eu fui-me apaixonar.

PATRIOTISMO POROROCA

JoJo Dieira¹¹

Do nascente, despertei-me em tua margem das correntes
Eu, caboclo, desprovido de razão pude ver o sol poente
No horizonte em deleite, repousei sob a fluidez do teu líquido corrente
Ó Amazonas, tuas águas sagradas são o sobrenadante continente.

Um dia no píer, lá perto de teu Delta, avistaste meu abarcar
Ah, minha barca velha no teu vai e vem a marabaixar
Consolaste minhas profundezas nas tuas ondas do Rio-Mar
Oras, aninhou-me na tua correnteza a minha direção, o meu Norte a
vislumbrar.

Entrego-me em despedida posto que a cada maré está teu ausentar
De fenômeno mutável é o teu gapuiar, poderias só para mim ser preia-
-mar?
Uma vez que banhaste com tuas turvas águas as geleiras de meu coração
com o teu pororocar
Ô linha tênue de disputa fronteiraça, confesso que, em tua morada,
devotei-te Amapaense: meu lar.

Por isso, compaixão és, ao cintilar tua face, marejada em gotas –
Derramaste em vazante após o límpido estado do adeus? –
Contemplaste-me ao vento: dura e cristalina no afogar de tuas águas
No transparecer respingou sincero, a pororoca tão aguardada foste en-
tregue a Deus

Ah, Yemanjá, purificastes as oferendas amazônicas no insípido esclarecer desamor

Pois, o Brasil começa em ti, do ardor inconstante vibrará no canto de Iara com tanto fervor

Inodoro, esse sentimento de maré, com o nariz gelado fuguei a brisa destituída de odor

Assim... Seco foi o processo da partida, hoje, tu estás no sentir a graça em vapor

Eis o equinócio das águas! Libertas, puseste as asas ao deságue no ar em sublim(e)ação,

Eu – Molhaste os meus pés com o término indolor, no jorrar de tua propulsão –,

Despejo-me nas rimas ao teu molhar que, de tanto amolecer, em Fortaleza petrificou

És Pátria abençoada do Rio Amazonas, tuas águas estarão sempre a-fluir o nosso amor.

AMAPÁ: NOSSAS ÁGUAS, NOSSO MAR

Jouze Danielle Alves Brito¹²

Amapá encantador de muitas águas para se banhar,
E em suas correntezas, muitas histórias para contar,
De um povo sonhador e que sabe esperarçar.
Nas águas do Amapá tem o boto por aí;
Que de noite vira homem e não deixa mulher dormir.
Tem ainda a cobra grande; que eu nunca vi,
Essas são lendas das águas daqui.
Nossas águas contam história
De um povo acolhedor;
Que abriu suas fronteiras, como um manto protetor.
Tem o rio Araguari, banhando todo Amapá;
Genuíno amapaense, isso podemos falar;
Berço da pororoca, de muitas vezes a nos apavorar,
Extinto pelas forças das águas que veio assorear.
Banhado pelo rio Amazonas, que vem nos encantar,
Banha também nosso vizinho Pará;
Nas suas marolas, os barcos a navegar,
Feito pintura viva, natureza salutar.
Nossos povos indígenas onde tudo começou;
Não podemos esquecer e dar o seu devido valor;
Nascido nas águas com todo esplendor,
Criação divina com certeza, sim, Senhor.
No rio Araguari as cachoeiras transbordar,
Com sua beleza nos convida a ficar;
E em suas águas nos refrescar;
Com seus peixes nos alimentar.
Município do Oiapoque, onde tudo veio a começar;
Marco forte fronteiro no extremo do Amapá;
E a Guiana francesa do lado de lá,
Amapá 80 anos: nossas águas, nosso mar.

REMANSO DAS ÁGUAS

José Maria Dias¹³

Sobre o apoteótico lençol do Amazonas
Dividido entre lagos, afluentes e rios
Surgiu das águas a pátria Amapaense
Flor do Amazonas, início do Brasil
Quem entre as águas navegou rio abaixo
Nas terras Tucujus conheceu o Marabaixo
Cultura de um povo tomado servil.

Avassaladoras ondas da pororoca
Força das águas, natureza em fúria
Deixando nos rios um rastro de ruína
De colossal beleza Espúria
Quem na canoa viu o boto cor-de-rosa
Ouviu as estórias da moça formosa
Do boto maroto que a cobriu de injúria.

A capital banhada pelo Amazonas
Tem o São José abençoando o povo,
Na rampa do açaí, o comércio popular
Um broto de esperança a germinar o ovo
São oitenta anos para contar de história
No Amapá revive nossa memória,
Do Brasil és a esperança a ressurgir de Novo!

N/FORTE

Juliana Leão¹⁴

Terra das bacabeiras, açazais,
dos igarapés,
do menino que se banha
no Rio até ficar tuíra.
Terra que abriga o Brilho-de-Fogo,
a Cobra Sofia, a Pedra do Guindaste,
a cor das saias das Marabaixeiros.

Terra cortada pela Linha do Equador,
do Sol que se abriga
na Fortaleza de São José.
Terra formada pelo Curiaú,
Rio Pedreira, Araguari,
Oiapoque, Amapari.

Terra dos donos da Terra!
os Galibis, os Karipunas, os Wajãpis.
Terra de povo forte,
do Norte que se banha na maré
e na fé de um futuro próspero!

AMAPÁ – TEU MARCO ZERO VOU CANTAR

Lia Borralho¹⁵

Das lançantes bravias do meu torrão
Jorra o influxo das águas
Adamastor do Cabo Norte
Esto amazônico, donde quebra o banheiro
Na densa maré alta de lua...
É o espetáculo da pororoca!...
Sua coreografia aquática
Das Ilhas dos Aruãs
O bailado performático de canaranas e mururés...
Cujas ribeiras abrigam
O folgar, de bubuia, da cunhantaim
Em “Santa María de la Mar Dulce”
O doce frescor de preamar
A emitir aromas de buritis flutuantes...
Santuário das águas...
EFA!... EFA!... EFA!...
Estrada de Ferro do Amapá
Grandes Projetos na Amazônia
Exploração manganésifera
Ferro, ouro, laminados...
CAEMI, CODEPA, BRUMASA,
Novo Astro a brilhar
Na farra do Eldorado
De putas, lutas e Contestado
Garimpeiros a sonhar...
Terra do meio do mundo
De Território a Estado
Amapá – teu Marco Zero vou cantar!

A M A P Á

Lu Souza¹⁶

Para descrever em um poema a história do Amapá.
Há 80 anos atrás ele pertenceu ao Pará.

Mas foi em 43 com objetivo de proteger
A fronteira do meu país
Que o Território do Amapá foi desmembrado do Pará.

As águas do Rio Amazonas festejaram o grande feito
Decretado, naquele momento, pelo governo Brasileiro.

Mas o mundo já vivia uma intensa melancolia
Provocada pela guerra, que destruía tudo que via.

Dos estilhaços provocados o Território não foi poupado.
Mas os habitantes destemidos deram logo o seu recado...

Foi preciso abrir trincheiras! E proteger as nossas terras
Para que o presente e o futuro possam desfrutar delas...

E foi em 88, sob a proteção divina, que o Amapá nascia
Como o mais novo Estado nortista.

Com o Estado veio o progresso e indígenas, brancos e negros
Ergueram os braços para contribuir com as grandes mudanças
Que, a partir daquele momento, aconteciam por aqui...

Não foi fácil, é verdade, foi preciso muita coragem,
Adentrar rios, cachoeiras e boscazem
Para construir monumentos e vilas
Na minha pátria amada das águas, diante de tanta paisagem.

Mas hoje Amapá fibra, com tanta riqueza bendita
Do ouro ao açaiçal, do marabaixo ao sotaque local
Que tornaram nossa cultura conhecimento mundial...

Aos viajantes que vêm conhecer o meu querido Amapá
Levará na bagagem a frase... “Ei mano, já quero voltar!”

Por isso...

Vem conhecer, vem pra cá...Venha dançar no meu batucar.
Vem conhecer, vem pra cá...Venha curtir o meu Amapá.

METÁFORA

Manoel Duval¹⁷

O meu estado é uma metáfora
Ele começou nuvem no tempo em que não havia firmamento
Um estado de metáfora em forma de nuvem
Uma nuvem grande, livre das obrigações de precipitar chuvas
Não havia firmamento, mas já havia a ideia da chuva
E então fez-se o vento
E levou a nuvem pro cocuruto do mundo
Onde havia uma árvore que dava leite, como se vaca fosse
E esta nem havia
Mas já havia o cocuruto do mundo
Sobre a árvore que dá leite
E a nuvem se acostumou a ir desaguar no cocuruto do mundo
E meu estado de metáfora se transformou no lugar da chuva
Onde a terra acaba e também começa
E onde só havia a chuva ocupando seu lugar na terra
Surgiu o povo das águas
Um misto de peixe e gente
E então a gente meio peixe macerou os brotos da árvore que dá leite
E beberam como se bebida fosse
Uns viraram peixe de todo
Outros somente gente
Que dormiu e sonhou com os ensinamentos da árvore
Que disse que se chamava Amapá
A morada do povo que nasceu no cocuruto do firmamento
Na beira da terra que acaba
O lugar da chuva
A pátria das águas

DESTROÇOS

Márcio da Paixão Barros¹⁸

Em memória às centenas de vítimas do naufrágio do barco Novo Amapá, ocorrido em 6 de janeiro de 1981, bem como de todas as vidas que sucumbiram nas águas dos rios amazônicos.

Quando teu barco se perdeu no rio,
Eu corri como louca pela rua
Sob os olhares piedosos da lua
Que se comoveu com meu desvario...

Foram muitos dias de prantos a fio
E tantas noites de angústia contínua
Como se minh'alma estivesse nua
E tivesse um imenso vazio...

Qual Medeia a suportar sua tortura
Ou Jocasta a padecer em tormentos,
Vivi a dor de uma mulher enlutada:

Que sofreu as agruras da desventura;
Que acalentou no peito seus lamentos;
Que viveu e morreu como desgraçada!

FORTIFICANTES DA AMAZÔNIA

Mariana Guedes Penafort¹⁹

Nosso lar, o meio do mundo
Assim como em nossas águas
Lá no fundo
Já foi Araguari, Montenegro
Em 1943, Amapá
Também já foi Capitania do Cabo Norte
Amapá, árvore de grande porte
Também árvore da minha região Norte
Banhado pelas águas do Amazonas
Atravessando a Amazônia
Pátria banhada de histórias
Banhada em memórias
Nossas origens Waiãpi
Kalipur
Maracá-cunani
Tucuju
Minha avó conta, desde o começo
O santo que protege essas águas
Eu nunca esqueço
Minha terra equatorial
Semiúmida
Quando não é muito sol, é muita chuva
Minha terra do marabaixo
Que eu só saio quando o sol tá baixo
Amapá, remédio poderoso
Fortificante da Amazônia, como diz o caboclo
De uso popular, medicinal
Amapá, também minha terra natal.

PARAUYUNE

Marven Junius Franklin²⁰

Ó, Pátria Nortenha das águas – flutuantes balizas onde *Martinic*
fez morada & *Pinzón* navegou, imponente, o Rio Oiapoque
refugia – alquebrado, os cadáveres insepultos dos clandestinos

(criaturas troçadas & desprotegidas – fado de um mau destino
a almejar vida melhor nas Guianas, mórbida fábula em desalinho).

Ó, Sereníssima Pátria tucuju, no leito afável de tuas águas caboclas
houve arduíssimas pelejas – a insana cobiça pelo teu chão

(águas dulcíssimas, onde habita, envaidecida, a Mãe do Rio,
vestida dos pores do sol do Cabo Orange &
pelas asas rubras dos guarás em revoada na amplidão).

Ó, Pátria Afro das águas, o toque da caixa são lágrimas
dos cativos que ao som dos açoites & desditas
ergueram – a pedra & dor, a Fortaleza

(nódoa do poder lusitano
na Amazônia, a transbordar
de consternação a nossa história).

Peí ãba dji lo! Peí ãba dji lo! Peí ãba dji lo!

Ó, Pátria Ancestral das águas – generosa bacia Uaçã,
Karipuna, *Galibi Kali'na*, *Galibi Marworno* & *Palikur*,
encantado fundo das águas de onde *parauyune* abrolhou.

Ah, oitenta anos! Pátria da Glória o Amapá se tornou!

AMOR POROROCA

Mayra Campelo²¹

Entre as luzes da cidade tu és um corpo no mundo, nas margens do rio teu coração é feito de água, profundo o bastante para se perder e forte o suficiente pra me arrastar, no reflexo dos teus olhos não me reconheço, embora tenha mergulhado no nosso amor esperando tu me salvar.

Deitada ao som das maresias no vazio da minha embarcação desfaleço, e as gotas de suor que escorrem em mim exalam o teu cheiro entranhado no meu, enquanto lembro da tua boca vermelho urucum, teu beijo feito doce cupu, e tuas mãos grossas manchadas de açaí cingindo minha cintura.

Se tu quiseres ficar, ouça o estrondo do meu peito quando tu oceano encontra o meu rio, te escondo nas curvas do meu corpo cor de barro, tal qual as turvas águas em que nos banhamos.

Se tu fores embora, lembra que eu fui teu lar, a força e o lugar que te fizeram forte, que tu juraste me amar, mesmo que o tempo passe e os caminhos se percam, as águas sempre nos levam pra algum lugar.

Se por um acaso pensares em voltar, não precisas ter medo, pois tenho por ti um amor ancião, 80 anos não se fazem suficientes para demonstrar o que sinto, eis que dentro de mim se alastram as raízes dos meus sentimentos, árvore que brota em terra seca ou chuvosa e rasga meu peito.

Visto que meu amor navega todo meu ser, quebra-mar, quebra a mim, e, mesmo que seque, nunca finda, pois a maré cheia transborda as barreiras e mareja meus olhos.

Por fim, se tu não me quiseres, te fores, e decidires não voltar, levarei comigo uma exaustiva sensação de naufrágio, sem porto ou farol, barco quebrado, embalado pelas ondas no sereno das marés, que vagueia, vagueia, e vagueia mais um pouco, querendo afundar, querendo ancorar, querendo não ser barco pra te carregar a vida inteira.

égua, que terra é essa?

Natanael dObaluae²²

que terra é essa que me faz
pisar mais que meu signo de terra?

quem é Amapá?
que terra tens? qual fio a conduz?

tu que me deixas banhado em teus rios,
onde me arrepio

tu que me deixas pisar em tuas terras,
onde estremeço

que terra é essa...

mereço do segredo, do beijo do povo,
das crenças, os ritos, batuques...
mereço teu solstício?

tu que tens as dores que doem.
e no invisível permaneces bela!

não sei por onde aqui andar,
mas sei sentir, sei escrever.
ver você, Amapá!

que terra é essa... única, mista de tantos,
dita dos quantos, boca do mundo,
meio de canto, que te invadem

meu coração é carne-vida, memória viva,
de frágeis palafitas, extraído o seixo...
esse corpo se desfaz

ai, Amapá, não se desfaz!
terra do sol, da chuva, da dor, do sangue
diamantado das pedras movidas no choro calado.

salve às crianças, aos antigos,
os antes, os passos... ao agora.

salve Amapá! terra vista apenas de cima.
Égua! que terra é essa?

AMAPÁ, MEU LUGAR

Pat Andrade²³

A nação Tupinambá já te chamou Mairi;
também foste “lugar da chuva”,
para o grande povo Tupi.
Em nheengatu é “terra que acaba”;
mas, pra tua gente, que é forte,
Amapá é onde o mundo começa,
desde o Cabo Norte.
É onde descansa a Mãe d’Água,
esperando o boto tucuxi;
é onde nasce a pororoca,
encrespando o Araguari.
Ah, Amapá, tu já és pátria,
leito e berço pra mim;
é onde fiz minha maloca
e batizei meu rebento, num ritual Wajãpi.
É nos teus rios que me banho:
Oiapoque, Mutuacá e rio Jari.
Nas auroras, deslizo macio minha igara
pela Pedreira, Curiaú e Matapi;
nas corredeiras do Calçoene,
nas águas frias da Serra,
do Maracá ao Cunani.
É da tua floresta que tiro o sustento,
nosso ouro negro, teu açai;
tuas frutas e teus mil sabores:
cupuaçu, castanha, buriti.
É da tua poesia que me alimento
tucunaré, camarão e tambaqui...
Ah, meu Amapá, de tantas águas!
Eu vivo e renasço em ti.

FLUENTE AFLUENTE

Ray Jardim²⁴

Sou ribeirinho dessa terra
E afluente dos teus rios
Fluente em tuas gírias
Sou Norte, Amapá, Brasil

Deste rincão e torrão brasileiro
Sou filho e também herdeiro,
Sou criado com açaí, farinha e camarão
E banhado nos rios que te adornam

No Araguari, ouvi sobre o moço e seu encanto
No Oiapoque, Adjaci e seu pranto
No Matapi, a Cobra Grande fez seus meandros
No Jari, Ubiraci, tarumã, o tronco.

Amapá, teus rios contam histórias
De Pinzón à Pororoça
É onde oceano e rio se tocam
Encontro das águas: doce e salgada.

Me entrelaço nos teus igarapés
Conheço a foz onde teu rio deságua
Da margem esquerda observo tudo
Estou na pátria das águas

AMAPÁ: 80 ANOS DE ENCANTOS E ÁGUAS

Nara Ferreira²⁵

Amapá, berço de águas e encantos mil,
80 anos de história, um destino juvenil.
Antes, parte do Pará, agora independente,
Território Federal, lar de gente valente.

Na década de quarenta, a mudança se fez,
O Amapá ganhou voz, cresceu de uma só vez.
Território novo, com potencial a explorar,
Nas águas e na floresta, a riqueza a desvendar.

Durante a Segunda Guerra, missão de defesa,
Proteger a Amazônia, nossa grande riqueza.
O Amapá firme, no coração da nação,
Garantindo um futuro de beleza e preservação.

Em 1988, a conquista mais gloriosa,
O Estado do Amapá, com força valiosa.
80 anos de lutas, conquistas, e amor,
Um lugar especial, com esplendor e fulgor.

Nas margens dos rios, na selva a brilhar,
A pátria das águas, um sonho a navegar.
Amapá, teu nome ecoa, terra de grande valor,
80 anos de história, com orgulho e com amor.

No coração do Brasil, tua luz sempre há de brilhar,
Amapá, és a pátria das águas a nos guiar.
Neste teu aniversário, celebramos com emoção,
A beleza e a força que te fazem nação.

LAMÚRIA

Sophia Pinheiro²⁶

Às margens do rio Calçoene
a floresta agonizava
sua única salvação
aquele abençoado por Tupã

folhas caíam:
“Yby, mãe que acolhe
para mim, sinônimo de Dona Maria
costureira, avó e dona de casa
onde se encontra?
no caixão, não mais desperta
sua história? esquecida
é o que acontece
com todas as Marias”

ondas se formavam no Calçoene:
“teu sangue
azul, verde e amarelo
tua luta
mulher, preta e indígena
teu povo
espancado, morto e escravizado”

os pássaros gritavam:
“que honra
é ter a pele da cor da terra
pintada, e cravada por sua história
é como se desde o seu nascimento
fosse chamada por Yacy
a partilhar sua dor”

e o menino Ubiraci ouvia o lamento de sua mãe com atenção
ela estava em prantos
pelas histórias não contadas

HOMOGÊNEO?

Tiago Quingosta²⁷

Estamos dentro desta pintura,
da coleção de museu a céu aberto,
com tintas de Amazonas e Atlântico.
A pluma do Amazonas nos mistura.
Embora não seja assim, tão leve e volúvel como uma pluma,
é uma mistura forte, igual à dos nossos corpos.
Há diferenças gritantes entre nós,
porém, percorremos esse Rio-estrada
com muitos questionamentos
e sem ver a margem,
sem ver o movimento perpétuo
e serpentear divino de rios aéreos,
oníricos.

RAIZ

Ualeson Marques²⁸

Meu Amapá, menino ribeiro,
Dono do sol que gapuia no rio daqui,
Escuto teus conselhos,
Debulhados nestes teus tantos anos vividos,
Pela brisa leve lançada dos batuques do marabaixo.

Ah! Meu Amapá, Sábio caboclo,
Não trocaria por nada esta minha raiz.

Feliz o que espera à noite para contar as tuas lendas.

Meu Amapá,
Gratos os que bradam as tuas lutas e pelejos.
Devem ser, esses,
Como já dizia o poeta Joaquim Diniz,
Os de leal coração altaneiro.

A PASSAGEM

Valdenira Ferreira dos Santos²⁹

Lá vem ela com faceirice,
lá vem ela sem sua mesmice,
lá vem ela em seu esplendor,
lá vem ela a todo vapor!

Lá vem ela avisando aos pássaros:
ah, agora não podem se alimentar,
nos rios estou a entrar,
na maré baixa podem voltar.

Lá vem ela dizendo aos peixes:
cuidado estou a passar,
meus banheiros vou formar,
é melhor se agasalhar.

Lá vem ela sem pedir passagem,
lá vem ela mudando paisagens,
lá vem ela com o mar em seus braços,
no Amapá, deixando seus traços.

II
SOMOS MUITOS VIAJANTES
E POETAS NESSAS ÁGUAS
ENCANTADAS



Foto: Aog Rocha

NO MEIO DO MUNDO

Adna Selvage³⁰

Cheguei aqui criança
Cheia de medos e inseguranças
Aqui cresci e criei esperanças
De realizar os sonhos de infância

Do Pará para o Amapá
Acolhida pela pátria das águas
Aprendi a nadar
No meio do mundo
Hoje é o meu lugar

Em 80 anos de Amapá
Não tem como não se apaixonar
Da pororoca ao marabaixo
Tu vai se encantar

Em cada canto da cidade
Tenho histórias pra contar
De amores e amizades
Que me ensinaram a amar

Nenhum poema de 20 linhas
É o suficiente pra expressar
Toda grandeza que há nesse lugar.

O MENINO

Alda Sirleni³¹

O menino, a bola e o Rio
Na vastidão do Rio Amazonas
Um menino brinca com sua bola, vivendo na simplicidade do dia a dia
A alegria palpável, se reflete nas águas calmas, nos rostos serenos
E ecoa nas águas que nunca dormem,
A vida flui, intensa e tranquila, em um ritmo próprio.
O amor floresce, sem pressa, sem tempo... revelando-se em pequenos gestos
A bola salta, leve, como os sonhos do menino,
Que correm livres, sem limites, como o grande rio.
A vida se desenrola em cada canto, em cada sorriso,
O futuro vasto e desconhecido sussurra promessas ao vento
E cada momento é um fragmento de eternidade, onde o menino, a bola e o rio se entrelaçam em harmonia.

SOM DAS ÁGUAS

Alan Delon³²

Ouçã o som das águas
é o canto tucuju
do rio Amazonas que o guarda
que banha a imensa morada

Lugar da chuva
molhado de doces águas
barrentas
brilha de ponta a ponta
estrela do norte
meu lugar equatorial

Nossas árvores gigantes
com raízes fortes
força para lutar
meu nome tu não sabes?
Prazer,
sou Amapá
Amapalidade
Amapazeiro
Moleque tuíra
Moleque filho do açazeiro.

QUIS DEUS QUE EU NASCESSE AQUI

Andreza Rodrigues³³

Quis Deus que eu nascesse aqui, no meio do mundo,
Esse lugar, quente e úmido
Sob o céu, sobre o rio, em noites e dias a fio
Homens e mulheres procuraram firmamento.
Desses encontros e ajuntamentos, fui gerada
Fizeram dessa terra sua casa.
Nessas águas passam embarcações,
Carregando sonhos e canhões.
Mistura de liberdade e escravatura
Nas águas, morte e vida se encontraram no anseio de uma saída.
Na esperança, na fé e na sorte
Vidas encararam o medo e vieram rumo ao norte.
Minhas raízes encontraram esperança e sorte
Nesses caminhos que traço aqui
Vou percebendo que não nasci acolá ou ali.
Nesse lugar onde o sol parece matar
onde a água dá medo de encarar
Nasci para viver e histórias contar.
Vim para ser mais que alguém que é do norte
Vim para ser forte.
No meio do mundo, vim para lembrar
É possível uma vida equilibrada,
Perto da floresta, onde ao pássaro nada falta
Onde foi construída uma fortaleza para proteger esse chão
Me recordo que tenho duas e recuar não é opção.
As águas que me cercam
São meu encontro de maré cheia com o mar.
Mata minha fome, sede e o medo de navegar.

SOU COSTA NORTE

(poesia alusiva aos 80 anos do Amapá)

Annie de Carvalho³⁴

Da costa norte do Brasil eu venho,
sou esse rincão nortenho,
canto a costa larga, de uma
gigante albatroz da foz
alaranjada — do Amazonas.

De ondas impávidas
e exuberantes, esses rompantes
trazem à primazia da ária.

Minha costa tem ritmo,
fermento sonoro,
onde o folclore colore o tempo.

Nesta vida nortista, dedilho as cordas
desse movimento, sobrevoando nossas
infâncias e ventos.

Aqueles que vieram antes de nós
nos ensinaram o código: 1943,
o portal da história para o presente, e
voar por essas fortes correntes de tempo que
forjam a Costa Norte em Movimento – continuamente.

Hoje voou com essas asas no canto, que sou e se expandem.

FIM DE TARDE

Augusto Oliveira³⁵

*Há uns oitenta anos, inventavam o Amapá-lugar,
Embora, antes, outros prosônimos já existissem:
Os Aruaque, os Caribe e os Tupi,
Que os digam bem melhor que a gente. Ou para banda do Araxá.*

Na orla, descia forte a tarde,
Como se o céu desabasse
Sem causar tanto espanto.

Vinha gente de toda idade,
De toda parte da cidade
E para tudo que é canto.

Daqui para ali, e de novo de volta,
Como quem sem uma rota
Ou que rumo tomar:

Da correnteza ou contramaré,
Da Fortaleza ou do Igarapé,
Ou pra banda do Araxá.

O barco, diferente da gente,
Prefere correr quase sempre
Em linhas transversais,

Riscando o rio pela metade,
Deixando no rastro a saudade,
Fazendo marolas a mais.

A luz muda a cor da rua:
Pinta a tinta branca da lua
Desligando o sol e o calor.

E a lua chama para a música,
A lua chama a poesia,
A lua é da noite o refletor!

E a lua chama para a música,
A lua chama a poesia,
A noite é o palco para o amor!

AMAPÁ TERRA
ANCESTRAL 80 ANOS

Bruna Karipuna³⁶

Amapá, terra da minha ancestralidade
Do povo indígena, caboclo, ribeirinho
Negro, quilombola, tucuju
Tamanha beleza é sua natureza

Que traz resistência em sua essência
E por sua natureza não deixarei de lutar
Território que já foi contestado
O tratado firmamos e iremos respeitar

Nas águas do rio Amazonas, Curipi, Uaçá, Urukawá,
Os povos se banham, e tiram impurezas
Pajé chama Karuanã o ser sobrenatural
Amapá é terra ancestral

Povo Amapaense de sangue Originário
Nas artes, na cultura, na língua e culinária
É riqueza cultural
Estado multicultural

Ao som do Turé e Kuti
Marabaixo e tambor
Do Oiapoque ao Jari
Identidade e diversidade

Protegidos pela floresta
Neste solo sagrado tão especial
Lua cheia sobre os rios dançam
É lindo, é paisagem natural

Amapá, terra de diversidade e tradição
Comemore seus 80 anos, com toda emoção
E que sua ancestralidade indígena
Seja sempre preservada, com amor e união

P R A L E M B R A R

Bruno Muniz³⁷

Embaixo das árvores o vento leva longe a tarde no trapiche e volta, e eu ali, na linha da folha contando o que a vista não via; não pela poeira da terra-batida bulida e caída nos olhos, é que escrevo onde as pontas das coisas entortam.

O barulho dos barcos enchia de rio o caminho, e um tanto de gente sorria na ponta da língua o ocaso do sol, e eu, ali, na linha da folha, contando o que a vista não via.

Veza ou outra levantava os olhos que escorriam ligeiros de volta pro chão, peregrinos amarrados como num jirau.

Só quando a sombra dos galhos me subia à testa eu olhava a cidade.

As redes amarradas aos paus cabiam rente ao chão o sono dos justos depois do açai.

A Baiana do Pacuí aliterava um acarajé; onde Fernando escreveu Tajá tinha um pedaço de Igarapé.

Entre risadas pequenas e esperanças contidas, contei a madrugada de São José à Santa Inês. Ali e acolá, onde desembrulho um pano e mostro um novo canto.

Perdi o pôr do sol; as andorinhas, perdi; perdi Zé e Osmar cantando no Rods; perdi a música da orquestra passando a Fortaleza, mas te fiz um poema, torcido ao melado da cana.

Porque, se a gente escrevesse menos, talvez esquecesse mais.

ESTADO DO AMAPÁ

Fábio Nescal³⁸

Amapá formoso... sumano
Meu grande menino moreno
Meu inteligente caboclo sereno
Meu abençoado Estado forte.
É gratificante o teu imenso esplendor
Na linha do horizonte do Equador
Na santificada Pedra do Guindaste
No Rio Amazonas do navegador
Até mesmo nas águas da Pororoca
Na cachoeira de Santo Antônio
Na exuberante Fortaleza de São José
Na Estação Ecológica Maracá-Jipioca.

Amapá de riquezas minerais
Que faz o fenômeno do Tarumã
Encantar os olhares de tucumã.
Que faz o teu quebra-mar
Iluminar a capital Macapá.
Abençoa os teus filhos da floresta
Que preservam suas terras
De Norte a Sul sem cansar.

Esse é o Amapá de tanta alegria:
Do batuque e do marabaixo
Que ao povo tanto contagia!

ÁGUAS A DESLUMBRAR

Ivaldo Sousa³⁹

No Amapá, que aos oitenta anos celebra
A pátria das águas a deslumbrar,
Onde lavadeiras, na margem da ribeira,
Tecem histórias em rima a encantar.

As águas serenas ou turvas, espelhos da alma,
Refletem negros, indígenas e juremas a brilhar,
Na dança das cores, numa doce calma,
Despertam sonhos que não podem cessar.

As ondas, como poetas, em versos se quebram,
No murmúrio das águas, segredos revelam,
Ecos de histórias que o tempo não apaga.

Amapá, és a terra que nos cativa,
Na poesia das águas, a vida se ativa,
Tua essência, teu povo, em versos proclama.

No Amapá, a riqueza se revela e reluz,
Na dança das águas, um encanto seduz,
Onde o passado e o presente se entrelaçam.

Negros, indígenas e juremas, todos herdeiros,
Nas margens do rio, somos pioneiros,
Cantando em rimas nossa história verdadeira.

Oitenta anos de lutas e conquistas,
Amapá, tua trajetória persiste,
Com fé no futuro que nos abraça.

A pátria das águas, fonte de inspiração,
Na rima da vida, és nossa canção,
Amapá, és orgulho de nossa nação!

OITENT'ANOS
(do meu templo em mim)

Joãozinho Gomes⁴⁰

Hoje irei me ver;
sei que por meus poros
tu entraste
para morares em mim,

hoje irei me ver
e hei de encontrar-te
em contraste com a dor,
de encontrar-te
em um cômodo oculto a
cultuar a culto o meu
andar incauto...

- ato de amor mútuo -
a vagar por teus espaços,

meus pés descalços
calçam nuvens, e aos
encalços de Deus - quando
às festas te visita - levam
murtas ao ateu que em
teu chão não acredita...

Hoje irei me ver;
sei que por meus poros
tu entraste
para viveres em mim,

hoje irei me ver
e te farei uma visita,
hei de encontrar-te
em contraste com a dor,
em contraste com
o traste e a ferida;

contralto ou tenor,
cantarei teus *oitent'anos*
ali da minha lida...
– lugar do meu amor,
lar da minha vida.

SALVE AMAPÁ

Jô Araújo⁴¹

Sou cabocla
Nascida entre brenhas e rios...
Nas minhas veias
Corre sangue ribeirinho feito de rio...
Não tenho oitenta anos
Como o Amapá
Mas trago no corpo
O mistério das águas
O gosto do açai e do tacacá
Porque, assim como o Amapá,
Pátria das águas
Temos a mesma origem
O mesmo barro, e mesma água.
Só quem nasce na pátria das águas
Entende as mandingas do lugar
E é capaz de seus oitenta anos festejar
Fazendo poemas
Banhados de a(mar).

MACAPÁ

José Queiroz Pastana⁴²

Macapá, Amapá
Terra de sabores
Pratos exóticos
Frutos amazônicos
Cidade joia da Amazônia.

No Meio do Mundo
Dois hemisférios:
Boreal e Austral
Marco Zero, Equinócio
Batuque e Marabaixo.

Fortaleza São José
Águas do Amazonas
Arco-íris e um amor
Estrondo da pororoca
O encanto do pôr do sol.

Floresta Amazônica
Riquezas naturais
Mundo encantado
Cobiçado dia a dia
Linda flor açucena
Paisagem exuberante.

Sonhos ultramarinos
Terras desconhecidas
Há séculos habitadas
Pelos povos originários
Cantada fortemente
Macapá de outrora.

OCTOGENÁRIO DO MEIO DO MUNDO

Leacide Moura⁴³

Entre os dois hemisférios te equilibras em danças e batuques
Filho parido do Pará te ergueste em fortaleza
Defendeste o Brasil na frente de teu Rio-mar Amazônia
Seguras a vida em floresta viva ancestralidade e descendência original
Em teu seio preservas biodiversidade existência em teimosia
Da família das apocináceas teu nome salva a vida
Tinges a pele morena de teus filhos sob o sol do equador
E te vieram povoar gente alegre do Rio, do Pará e de outro lugar
Filho rico do Brasil em minérios água doce e biodiversidade
Com tua robusta riqueza mineral ajudaste a erguer a capital federal
Abraças com amor quem chega para aqui te habitar
Tua história tua luta te consagra nesta nação
Tuas paisagens pitorescas encantam transformam o olhar
Miras com teus olhos índios fazendinha Curiaú em Macapá
Teu Museu de céu aberto te desnuda a cultura diz quem tu és
Estás bem localizado no meio do mundo deitado
Majestosamente sorris acima do meu país
Eu só sei que te amo meu querido novo-velho Amapá

AMAPÁ, CIDADE FORTALEZA

Mathias de Alencar⁴⁴

Tomara essas palavras,
tornadas rios, casas,
a gratidão encarnem
da vida, volta em brasas
feito um bater de asas
ao céu rendido amém.
De chuva, as águas tanto
reforçam a voz do encanto
dos pés que nesta terra
exigem um novo canto
refeito em dança o pranto
de quem não foge à guerra.
Aqui sou um, sou vários
nos desafios diários
erguido em profundez
ao sol em seus contrários
são pretos, brancos, pardos
cidade fortaleza.
Em luta, o cabo norte
não teme a própria morte
legado maracá,
hei de honrar a sorte
sou terra e rio forte
serei sempre Amapá

TERRA DE CHUVA

Maria Lua⁴⁵

Terra de chuva,
de mulheres fortes,
Marias e Joanas
Mulheres de guerra,
Amazonas

Terra de riquezas
Teu verde imensidão de florestas
Abraço o azul anil desse céu
Do som do teu batuque
Do balançar dos teus rios
De um povo que se banha em tuas águas doces
Das festividades de amor e fé
Teus lugares de histórias, lutas e vitórias

Amapá, terra de quem vem e quer ficar
Terra de quem vai e quer voltar

MEU CASO SÉRIO

Mary Paes⁴⁶

O meu caso de amor
É um senhor de 80 anos
É o meu canto...
Já foi meu pranto
Também já foi minha dor

Mas hoje o Amapá
é meu encanto
Meu acalanto
Meu aconchego
Meus poemas de amor...

Entranhou em mim
Essa sede de ser eu de novo
De me tomar
De me banhar nas águas do seu rio-mar

Por ti busquei a vida inteira
Sem saber se iria encontrar
E por acaso do destino
Hoje estás a me embalar...

No teu vento
No teu calor
Na tua lua

Que de noite me convida
a ser tua eternamente...
Eu te amo
meu Amapá.

A PÁTRIA QUE ME ESCOLHEU

Neth Brazão⁴⁷

Estou aqui frente a ti,
Sonhando-te sereno e a me abraçar.
Sei que tens batalhado em tantas lutas,
e isso te faz reluzir aos olhos dos filhos teus.

És lindo nesse verde que te veste,
E nesses rios que te banham a face,
Enquanto ecoam nos ares teus cantos,
Híbridos da natureza que te adorna.

O que são 80 anos para ti menino?
Uma incógnita para os ignorantes em história do Brasil,
E simplesmente o Torrão mais perfeito para se viver.

Se sou uma mistura de tua criação,
Então sou feita pela perfeição
Das tuas mãos tucujus.

Ah, Amapá, como não te amar,
Nessas noites estreladas,
Onde sou embriagada de saudades
Pelas inúmeras coisas que ainda tenho para viver em ti?
Exalto-te num poema,
Como um caso de amor sem fronteiras,
Cheio de carinho, memórias e realizações,
O que mais posso te oferecer além de palavras sutis,
É um mar imensurável de gratidão.

EQUINOCIANDO

Ricardo Iraguany⁴⁸

Equinociando chove a poesia nos campos da tua imagem sol
Onde pedras ergueram o teu forte líquido
Do suor que escorreu do labor do corpo açoitado
Mas o sonho do teu ventre aqueceu as estrelas
E pariu teus rios e córregos que refletem a lua
São intrínsecos os ciclos que ecoam as tuas rodas de bandaias
Tuas ladainhas, tua rosa branca açucena
Do teu ponto equidistante no lume úmido
Do teu manto em flores coloridas da floresta esverdeada
Idos são nossos sonhos solstícios do condão de tuas oitenta primaveras
Onde atracastes os destinos dos nômade aventureiros
Equinociando nossa linha imaginária de palavras luz
Que submergem das tuas águas
como o acalanto estrondoso da tua pororoca.

PORTAL DA SAMAÚMA

Rafael Senra⁴⁹

Cansei da Babilônia e do cobertor
Mudei pra Amazônia, fui viver no calor
Deixei o pão de queijo e o torresmo de lá
E vejo que foi bem a calhar

Vou me acostumando a tomar tacacá
E gosto de açaí, pescada, e vatapá
Castanha-do-pará também tem no Amapá
Se for um tambaqui, bora lá

Na beira do Amazonas eu vi o mesmo brilho do Matapi
As águas dessa terra só fazem refletir
Provei este sublime sabor que tem na linha do Equador
Portal da samaúma que se abriu em flor

“Não te afoba, mano, tu não tá mais no sul
Aqui a cachaça tem jambu
Essa graviola foi colhida no pé
E a farinha acompanha o que vier”

O pato no seu prato vai com tucupi
O peixe na sua rede pede um açaí
Coentro e chicória vão pra temperar
Se for tucunaré, bora lá

Na beira do Amazonas eu vi o mesmo brilho do Matapi
As águas dessa terra só fazem refletir
Provei este sublime sabor que tem na linha do Equador
Portal da samaúma que se abriu em flor

AMAPÁ DO AMOR

Rostan Martins⁵⁰

Tuas chuvas de ternura respingaram na tua gente,
Transformando em amor o penar,
Então, és o lugar!
De chuva de poesias,
De temporal de cultura,
E chuviscos de alegrias.
Aguando as amizades,
Molhando a simpatia,
Encharcando as cantorias!
Amapá da empatia!
Teu calor é a energia,
Energiza o humor
Transfazendo em sinergia
Do amor,
Amapá, meu amor!
80 anos de pura emoção
Paixão por esse torrão
Deus, gratidão!
Teu céu é a inspiração
Do viver.
Teu sol,
Tua luz ilumina a nação.
Deus, gratidão!

BERÇO DAS ÁGUAS: AMAPÁ

Cláudia Patrícia Nunes Almeida⁵¹

Nos campos de tuas várzeas: Tabocas, Aturiás, Aningas, Ucuúbas, Pra-
cuúbas...

Terra das águas, das lançantes do Cabo Norte,

Tuas terras férteis despertaram a cobiça de forasteiros, que te desejaram
possuir por inteira.

De ti todos queriam se apossar: portugueses, franceses, holandeses...

E a quem mais interessasse o teu solo sagrado explorar.

E em meio às disputas, um Tratado estrangeiro:

O Laudo Suíço selou o teu destino.

Mas, muito antes, quem garantiu a posse de tuas terras foi nossa brava
Gente.

Teus filhos: Tucuju, Aruana, Tupanaquêra, Karipuna, Palikur,

Galibi Marworno, Aparay, Wãmpi, Tiriyoó...

Nossa Macapá já nos nutria o corpo com o vinho de seus frutos,

Aqui, já era nosso lar, quando os forasteiros chegaram para nos assombrar.

Eles trouxeram a morte para se apossar desse lugar,

Que um dia foi nossa aldeia, e que não podemos mais voltar.

Nossos filhos nadavam em tuas águas, sem medo da morte lhes capturar.

Em tua história de Glória já foste: Capitania, província, território.

E agora, és Estado do Amapá.

Mas o que toda essa gente não sabe

É que serás sempre Terra encantada de nossa gente indígena, cabocla,
ribeirinha, quilombola...

Todos abençoados pelas águas das chuvas,

Que caem nesse solo sagrado, banhado pelo Rio Amazonas,

Que guarda os segredos desse lugar.

III
AS ÁGUAS DO VALE DO JARI
ABENÇOAM NOSSA ARTE



Foto: Rai Amorim

LUGAR DE ÁGUAS DOCES

Ana Anspach⁵²

Tuas águas abençoam
A história de um povo valente.
Córregos, igarapés e cachoeiras
Transportam infindáveis riquezas e muita gente
Também geram economia
Para a população ribeirinha.
No espetacular Amazonas
Extenso rio doce
Deslizam barcos, sonhos e esperanças
E todos tocam a vida com muita perseverança.
Há magia e poesia
Em cada gota divina.
Luta e coragem
Alegria e ousadia
Completam a saga de um povo
Aguerrido e bondoso.

RECADO DA ENCOMENDA

Bárbara Primavera⁵³

Mandei o Sol pra ti através de um catraieiro
Bem embalado e com o teu nome
O catraio chega no Equinócio
Tu vai lá na beira, pega o Sol e ajeita naquele lugar
Que também é bonito
Eu sei que não saberás o que brilha mais
O rio Amazonas ou o catraio
Mas se tu conseguir enxergar tem um nome
Um nome em Nuaruaque
Feito com uma tinta originária
Tu vai saber..
Mas repara o quanto ilumina depois de ajeitar tudo:
Os sonhos, o povo que tem o coração no meio do peito e o Sol
No final,
Não esqueça de chamar esse povo
Os das matas e os dos barracões
Faz um ladrão para contar essa história
Depois das seis tudo sempre vai desaguar
Vai chover muito no meio de ti e de mim
Não esqueça também do santo lá na frente
Faz um cortejo e uma missa
Pois vai ser aí, a benção
Bem aí, o lugar-chuva da felicidade de viver.

ENCANTOS DO MEIO DO MUNDO

Hayam Chandra⁵⁴

Nas terras onde o sol se equilibra,
Entre o sul e o norte, na linha de encantos.
O aroma da chuva enche o ar
E o sonho recomeça

Na dança das folhas ao vento,
Histórias se contam, segredos sussurram.
No coração da Amazônia,
A vida dança em uma festa

Rio Amazonas, testemunha das eras,
Em teus braços, me banho.
Entre lendas e mitos, esperanças.
Manto de vida

Nas ondas, guardas segredos.
No canto dos pássaros, sonhas.
No coração deste chão,
O Amapá vive, em eternos sentidos.

Que cada verso seja uma prece
Ao Amapá, berço de tanta beleza.
Em cada amanhecer, uma prece,
Pela vida que em suas terras se refaz.

MACAPÁ, MEU MEIO DO MUNDO

Pedro Henrique⁵⁵

Aquela que é majestosa
Mãe da linha do Equador
Cabocla do meio do mundo
Macapá é marabaxeira
Com sua saia rodada
Ela dança o toque do marabaixo
Ela é negra, branca, quilombola
Encantada do Rio Amazonas
Seus encantos me sustentam
Com suas iguarias exóticas
Ela toma o açaí, a bacaba
Ela toma a gengibirra
Ela é minha negra do curiaú
Essa é minha Macapá
Meu meio do mundo

COLÔNIA DE PEIXES

Pedro Stkls⁵⁶

chame os peixes para o banquete
para o mergulho no rio maior
para a lama que se estende
de ponta a ponta gigante
onde todos os tesouros do mundo
ainda adormecem de sonhos
um dia iremos nós na montaria
desbravar o que o tempo guardou
no coração barrento do rio
quando éramos pedacinhos de água
antes da virada da imensidão líquida
antes de ser rio-rei e seu império de misticismo
a lenda da poesia que trazemos conosco
diz que a poesia atravessará o rio
cuspirá sobre nós a sua maré
e seremos devorados pela sua lâmina
que fica no centro da sua cabeça
voltaremos pra casa
com os olhos encharcados
iluminados por vaga-lumes
falando a língua dos peixes.

RIO JARI

Thiago Soeiro⁵⁷

o rio que me beija
traz consigo outras paixões
mas é aqui que ele descansa
no peito da minha terra
fazendo carinho em minhas costas
às vezes furioso transborda
em fúria
cobrindo quase tudo em mim
seus caminhos líquidos
serpenteia os sonhos
dos povos das águas
que ecoam as vozes da floresta
e em cada gota d'água,
uma história
de saudade.

AÛSUB (SAISU), DO TUPI AMAR

Carla Nobre

Ycatu, do tupi água boa
Ubarana, uma canoa simples
Paracatu, rio bom
Murici, fruta de que não gosto
Anhanguera,
pra mim vai ser sempre a Rua dos Horizontes
Mas a verdade é que é Diabo Vermelho.
Abeporá, caminho bonito
Ipu, água que faz barulho
Iara, senhora das águas
Tiririca, planta que se espalha
Toró é mesmo aquela tempestade
Mas tororó é fonte.
Uaçá, rio que passa pelas minhas saudades
E visitas que nunca fiz.
Juruna, boca preta
Juca Pirama, o que vai ser morto
(como mesmo no poema)
Caxixi, bebida de mandioca (nunca provei)
Kumené, uma das aldeias dos Palikur
Waiãpi, povo que habita o centro da terra
Povo nascido do som de uma flauta...
Turé, dias de canto e dança
Bona, aldeia do Parque do tumucumaque
Tarumã, tronco do amor
Pedaço de árvore que busca seu destino
Aûsub (saisu), do tupi amar.

AUTORES

- 1 Alessandra Del’Agnese é natural de Santo Antônio da Patrulha (RS), poeta e gastróloga apaixonada pela alquimia da cultura e arte da gastronomia. Morou por alguns anos na Europa, onde estudou e trabalhou para destacar a literatura brasileira. Autora de *O diário da luz*, uma obra não poética, mas necessária, de profundo estudo. *Amapá “Lugar da chuva”, p. 25*
- 2 Criles Monteiro é nortista, macapaense. Jornalista, escritora e artista. Dedicou-se à produção de conteúdo e audiovisual. Através do olhar sensível, debruçou-se em mostrar a delicadeza cotidiana de pessoas e lugares. No existir do outro, tenta entregar ao mundo sua arte. Como mulher viajante, já fez da estrada sua morada. *Riossignificar, p. 27*
- 3 Daniel Lobato nasceu em 5 de março de 2001, em Macapá (AP). Estudante de Ciência da Computação (UNIFAP), amante da tecnologia, aventureiro da poesia. Teve seu primeiro contato com a poesia, em 2015, voltada à temática infantil e suas imaginações. Em 2019, no ensino médio, atuou como redator, colaborando no projeto “Esther em Foco”, jornal da escola Esther Virgolino. Em 2023, participou e foi selecionado no II Prêmio FLIMAC de poesia. *Sinfonia das Águas, p. 29*
- 4 Eliane Duarte é escritora, contadora de histórias, pedagoga, pós-graduada em gestão do trabalho pedagógico e neuropsicopedagogia; atuou em sala de aula por 15 anos, especialmente na educação infantil. Com o intuito de abranger e chegar a mais pessoas, criou um canal na plataforma YouTube intitulado Tia Eli Oficial, que desde 2020 tem proporcionado histórias infantis também atreladas a conteúdos educacionais para anos iniciais da educação. O canal da artista tem recebido inúmeras visualizações e aceitação pelos pais e crianças, devido a sua abordagem lúdica e interativa. Além de apresentações em escolas, bibliotecas e eventos, a artista tem participado de eventos como: O Primeiro Encontro Amapaense de

Contadores de Histórias, IV Semana Amapaense de Teatro 2º Fli-mac, entre outros. Atualmente se prepara para a primeira edição de seu livro *As aventuras de Lili na Cidade de Macapá*. *Amapá 80 anos: a pátria das águas*, p. 30

- 5 Gabriel Guimarães nasceu em Macapá no dia 7 de dezembro de 1999. É um poeta, letrista, músico e compositor brasileiro. Considerado um dos jovens expoentes da nova literatura amapaense, o escritor faz fantasia de sua introspecção, aglomerando ângulos dos modelos estéticos tradicionais e modernos, esbanjando harmonia e intimidade com as palavras em seus aspectos literais, sem deixar de subsidiá-las em sua própria invencionice. Publicou sua primeira obra em 25 de maio de 2021, livro *Ágil Peste Celeste*. *Epopéias dum caboclo*, p. 32
- 6 Gerson Guimarães Jr. é formado em Letras pela UFPA, professor da Rede Estadual de Ensino do Amapá, especialista em Ensino de Língua Portuguesa, bacharel em Direito e poeta das bandas de Bragança do Pará. Radicado no Amapá há dez anos, pai de um amapaense, que vê brotar versos de riqueza tucuju de uma alma essencialmente bragantina. *A Pátria das Águas*, p. 34
- 7 Hendrew Lima é arquiteto e urbanista. Nasceu em 4 de março de 1995 na cidade de Macapá (AP). Desde criança tomou gosto pela literatura; começou declamando poemas em eventos literários realizados nas praças de Macapá, na Biblioteca Pública Elcy Lacerda, em saraus e demais eventos públicos e privados. Em determinado momento já não lhe satisfazia mais apenas declamar poemas de diversos poetas; foi então que começou a escrever seus próprios poemas. Atualmente é membro da Associação Literária do Estado do Amapá (ALIEAP), participando de projetos em prol da divulgação da literatura e da divulgação cultural e artística no estado do Amapá. *O Lugar Amapá*, p. 35
- 8 Jackeline Vaz é poeta, graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Mulher negra e lésbica. “Vejo a escrita como um lugar de denúncias, desabafos e encorajamentos. Tudo que dói vira verso, tudo que aquece aqui dentro

vira verso, tudo que cura, vira verso. Na poesia encontro espaços e afirmações. Sou dos versos doridos, sou dos versos livres.” *Amapárança*, p. 37

- 9 Janaina Freitas Calado é mãe do Théo e da Maria Lua, com quem cocria historinhas de meninos perebentos, de gatinhas medrosas e poesias sobre nosso lugar. Ela trabalha na Universidade do Estado do Amapá, onde busca aliar pesquisa e extensão para formação de pessoas que possam ajudar a transformar o mundo. *Minha Terra Amapá*, p. 38
- 10 Jéssica Thaís é atriz, dramaturga, diretora, performer, cofundadora do Grupo de Teatro Experimental Andirobas, acadêmica do Curso de Licenciatura em Teatro na UNIFAP, debruça-se no campo da pesquisa em Teatro Negro e Teatro e Educação. Vem se aventurando no campo da escrita e performance poética desde 2013. *A Voz do Rio*, p. 39
- 11 JoJo Dieira é graduanda em Odontologia e estudante de Engenharia Química. Brasileira, macapaense e nortista. Atua como cronista e escritora no Brazilians in Tech (BiT). Como uma jovem fascinada pela vida e pela escrita, busca o constante aprendizado a fim de contribuir para a literatura nacional. Sob o pseudônimo de JoJo Dieira, possui textos publicados de variados gêneros literários em plataformas sociais, em coletâneas e em antologias. *Patriotismo Pororoca*, p. 40
- 12 Jouze Danielle Alves Brito é mãe atípica, casada, 40 anos. Natural de Natal (RN), mas amapaense por amor. Católica. Compositora e poeta. Bacharel em Administração e Direito. Pós-graduada “Lato Sensu” em Transtorno do Espectro Autista. Teve o poema “Amapaense por amor” publicado na obra coletiva *I Tucuju Literário*, pelo Instituto Federal do Amapá (IFAP), em 2023. O poema “Jesus” vem ocupar o seu devido lugar, pela *Antologia Natalina: Natal e o seu verdadeiro significado* – obra coletiva, em dezembro de 2023. Assistente em Administração, na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Colaboradora no Projeto de extensão Incluir: Ato de Amor e respeito ao próximo, que trabalha ações para promover a Acessibilidade e Inclusão na

UNIFAP. Compõe músicas, em grande maioria infantis, e gosta de cantar, escrever músicas, poemas e poesias que a fazem relaxar e a aproxima de todo lugar. *Amapá: nossas águas, nosso mar*, p. 42

- 13 José Maria Dias é professor, escritor, poeta, pesquisador e produtor cultural. Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e especialista em Psicopedagogia pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas (FATECH). José Maria nasceu no Igarapé do Lago, mas mudou-se ainda criança para o município de Macapá. Desde sua adolescência foi envolvido em atividades sociais e culturais, tendo recebido vários reconhecimentos da Câmara de Vereadores do Município de Macapá, Câmara de Vereadores do Município de Santana e também da Assembleia Legislativa do Estado do Amapá pelos trabalhos culturais e literários realizados. *Remanso das águas*, p. 43
- 14 Juliana Leão é amapaense. “Divido minha rotina entre a escrita e a sala de aula. A poesia deságua em mim assim como o Rio Amazonas banha meu Amapá, por isso meus poemas, divulgados na página @punhadodepoesia, versam sobre o amor, a saudade e as pequenezas que a vida me presenteia pelo caminho.” *N/Forte*, p. 44
- 15 Lia Borralho é graduada em Letras pela UNIFAP. Professora de Língua Portuguesa da rede pública estadual e ativista dos segmentos da Literatura, Música e Teatro. Participou de quatro coletâneas literárias e mais um cordel solo. Seu poema “Amapá – teu Marco Zero vou cantar” venceu, como melhor interpretação, o II Prêmio FLIMAC de poesia. Borralho, além de poemas, também escreve contos e crônicas. *Amapá – teu Marco Zero vou cantar*, p. 45
- 16 Lu Souza nasceu no dia 21 de janeiro de 1974 no município de Ferreira Gomes (AP). Filha de Simião de Souza Ferreira e Maria Lúcia Pereira de Souza. Em 1993, concluiu seu curso de magistério pelo Instituto Educacional do Estado do Amapá (IETA), iniciando sua profissão aos 20 anos. Em 2001, deu início ao curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), concluindo em 2007; e, no ano de 2011, à pós-graduação em História Africana e Afro-brasileira na Faculdade Atual. Contudo, em meados de 2015, começou

sua jornada pelo mundo da poesia com o nome artístico de Lu Souza. Seus primeiros versos foram inspirados na beleza do Amapá e mais tarde apaixonou-se pelo Eu lírico. *Amapá*, p. 46

- 17 Manoel Duvale é paraense, radicado no Amapá há 26 anos. cursou Licenciatura em Letras na UFPA e jornalismo na UNIFAP. É redator publicitário, fotógrafo e documentarista. Poeta e contista, também excursiona pelas artes visuais, notadamente no desenho, com os quais ilustra sua produção literária. *Metáfora*, p. 48
- 18 Márcio da Paixão Barros é poeta e contista. Nasceu em 7 de junho de 1978. cursou Letras pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). É professor efetivo de Língua Portuguesa, no estado do Amapá, desde 2006. Formou-se em Direito pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Atua como advogado desde 2014. É servidor efetivo do Tribunal de Contas do Estado do Amapá (TCE/AP). Em 2021, publicou o seu primeiro livro de contos *Prazer: Prosa & Poesia*, uma coletânea de dez contos eróticos, pela editora mineira Selo Editorial Starling. E, no ano de 2023, pela Scortecci Editora, publicou o livro de poemas *Lambidestro*. *Destroços*, p. 49
- 19 Mariana Guedes Penafort tem 21 anos e é estudante de Licenciatura plena em Letras e Pedagogia. “Ao longo da minha curta vida, achei na literatura um refúgio, e nele me construo e me faço ser.” *Fortificantes da Amazônia*, p. 50
- 20 Marven Junius Franklin é paraense, radicado há mais de 20 anos na fronteira norte-amapaense. Professor de Educação Física da rede pública de ensino de Oiapoque. Em 2019 e 2022, recebeu do Baile dos Artistas/Secult-PA os prêmios de “Destaque da Literatura do Extremo Norte” e “Destaque da Produção Literária na Fronteira do Brasil/Guiana Francesa”, respectivamente. Em 2023, foi premiado pela Academia Amapaense de Letras nas comemorações dos 70 anos da entidade. O escritor é mestre em Letras/Literatura pela Unifap. Em 2021 e 2023, foi finalista do Prêmio OFF FLIP de Literatura de Paraty-RJ, na modalidade poesia. Marven Junius Franklin possui dois livros: *Rio Oiapoque [in blues]* e *O Pequeno Admirador de Marés*. *Parauyune*, p. 51

- 21 Mayra Campelo tem 25 anos de idade, nascida em Santa Isabel do Pará (PA), em 21 de outubro de 1998. Foi criada por seus avós maternos em Laranjal do Jari (AP), vivendo sua infância com bastante contato com a natureza por morar nas margens do rio. Aprendeu a falar com 7 meses, e desde muito nova apresentava o dom da comunicação. Além disso, sempre foi apaixonada por dança, teatro, música e poesia; assim, em sua adolescência em Macapá (AP), participou de uma companhia de teatro musical, fez curso técnico de teatro, balé contemporâneo, começou a escrever e recitar poesias, misturando todo seu amor pela arte. Atualmente, é formada em Direito, utilizando os dons artísticos como hobby nas redes sociais, eventos solidários, e apresentações em eventos culturais. Por fim, sonha em um dia escrever um livro, e ensinar arte gratuitamente. Instagram: @may_camm. *Amor Pororoca*, p. 52
- 22 Natanael dObaluae é poeta e escritor cuja obra é influenciada por suas crenças e por sua identidade como homem gay. Carrega em sua poesia temas como ancestralidade e negritude. Conheça mais em seu blog de poesia *umsonatanael.com*, onde aprofunda e publica as suas obras. *égua, que terra é essa?*, p. 54
- 23 Pat Andrade é escritora. Há 30 anos atua na literatura; tem 36 livros artesanais, participação em coletâneas e revistas literárias; escreve para o site De Rocha, é membro do coletivo Urucum e da ALIEAP. Publicou dois livros físicos: *O avesso do verso* (2021) e *O peso das borboletas* (2023). *Amapá, meu Lugar*, p. 56
- 24 Ray Jardim é nortista, ribeirinho e geógrafo. “Escrevo para não calar o peito.” *Fluente Afluente*, p. 57
- 25 Nara Ferreira tem 32 anos e é estudante de Pedagogia pela UNIFAP. Inspirada pela sua avó, conquistou o segundo lugar no Festival de Poesia de 2008 na Escola Estadual Marechal Castelo Branco. Em 2022, teve suas poesias “Perigo” e “Alzira” incluídas na Antologia dos 40 anos da Editora Scortecci. *Amapá: 80 Anos de Encantos e Águas*, p. 58
- 26 Sophia Pinheiro é escritora e poeta. Nasceu no Amapá em 22 de outubro de 2004. Desde a sua infância teve contato com a arte e

a escrita, sendo compelida pelas obras de Mauricio de Sousa a se tornar escritora. Em 2015, apresentou uma peça com seus colegas de turma sobre o Trabalho Infantil em Belém (PA). A poesia encheu sua vida somente a partir de 2022, quando produziu uma releitura do *Poema de Sete Faces*, de Carlos Drummond, para um projeto de Língua Portuguesa no ensino médio. É autora do livro *O castigo de Eva* publicado pela editora Folheando. Em 2023, tornou-se acadêmica do curso de licenciatura em Letras Português-Inglês do Departamento de Letras e Artes (DEPLA) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). *Lamúria*, p. 59

- 27 Tiago Quingosta é amapaense, servidor público e autor dos livros *Foz florescente*; *Trilogia poética: Os opostos existenciais*; *Poemas, Poesias e outras rimas*; *Pena & pergaminho*; *Literatura amapaense e Aluvional*; ocupa hoje a cadeira nº 6 da Academia Amapaense de Letras. *Homogêneo?*, p. 60
- 28 Ualeson Marques tem 29 anos. É santanense, coautor de várias antologias poéticas Nacionais, em especial *Amor em Poesia 2*, a qual ganhou o prêmio “Ecos da literatura” de melhor antologia nacional em 2022. “Escrevo para a criança das coisas grandiosas que vive em mim não se perder nas preocupações cotidianas.” *Raiz*, p. 61
- 29 Valdenira Ferreira dos Santos nasceu em 24 de outubro de 1966, na cidade de Abaetetuba (PA). Desde 1997 mora em Macapá, adotando o endereço apaixonante: na esquina do Rio Amazonas com a Linha do Equador. Sempre gostou de escrever e suas poesias ficaram guardadas em agendas, cadernos, rabiscos em folhas de papel e em seu computador. Esta é sua estreia na FLIMAC, onde brinda o público com um poema sobre uma das maiores forças da natureza: a pororoca. A escritora é bacharel em Geologia e atua no entendimento de como as forças da natureza moldam as áreas costeiras e marinhas, e como as ações humanas intervêm nesses processos, cujas informações auxiliam as políticas públicas para o desenvolvimento sustentável da região da foz do rio Amazonas. *A Passagem*, p. 62

- 30 Poeta Inflamada, Adna Selvage transformou sua dor em poesia, ferramenta de luta, resistência, amor e acolhimento para mulheres. *No Meio do Mundo*, p. 65
- 31 Alda Sirleni é professora, musicista, ativista do movimento contra a violência de gênero e representante do CONSED (Conselho Nacional de Secretários de Educação) no Comitê Assessor do Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental. *O menino*, p. 66
- 32 Alan Delon é jovem poeta, iniciando a vida no mundo das artes. Ativista no movimento estudantil e apaixonado pela escrita e pela dança. *Som das águas*, p. 67
- 33 Andreza Rodrigues é arte educadora. Poeta e apaixonada por música. Sua escrita é baseada em sua cosmovisão cristã. Também é Integrante do núcleo fixo do Ói Nóiz Akí, da qual também é atual presidente. *Quis Deus que eu nascesse aqui*, p. 68
- 34 Annie de Carvalho é poeta e geógrafa de Macapá, cidade banhada pelo Rio Amazonas, com música rica e pulsante, marcada pelos ritmos do batuque e do marabaixo, que se entranham em sua poética. A autora é associada da ALIEAP, REBRA, FEBACLA. Premiações: Prêmio Sarau/Brasil Concurso Nacional Para Novos Poetas. Concurso Literário Pena&Pergaminho – contos inéditos. Premiação pelo artigo: Dinâmicas territoriais/UNIFAP. Publicou na revista literária internacional da América Latina PHILLOS, Revista da Universidade de Feira de Santana na Bahia. Revista Literária Mallamargens-Curitiba. Representou o Amapá em diversas Feiras Literárias: OFFFLIP, FLIPELO, FLIPO, como escritora e declamadora. Participou da Semana de Livros na Guiana Francesa. Foi contemplada em diversos editais e participou de grandes coletâneas nacionais e em Portugal. *Sou Costa Norte*, p. 69
- 35 Augusto Oliveira é farmacêutico, bioquímico clínico, historiador e licenciado em História, mestre em Política e Gestão Ambiental pela UnB e doutor em Desenvolvimento Socioambiental pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (UFPA). Pesquisador do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá (IEPA) e professor universitário. Exerceu gestões públicas como presidente do IEPA,

secretário de Ciência e Tecnologia do Amapá, coordenador regional da Funasa e secretário de Meio Ambiente e Turismo de Santana (AP). Autor/coautor e/ou organizador de 15 livros. É também editor, produtor cultural, poeta, compositor, documentarista, intérprete, dramaturgo, fotógrafo, dançarino. Coordena o Grupo Flor Pequena de músicas e coreografias da tradição da Amazônia brasileira e é o Mestre das Artes do Mafuá Du-Flô. *Fim de Tarde*, p. 70

- 36 Bruna Karipuna pertence ao povo Karipuna do estado do Amapá. Graduada em Letras Português/Francês pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), mestre pelo programa de Pós-Graduação em Letras da UNIFAP, discente do programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas, na Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. A escrita iniciou-se na participação coletiva em diversas publicações sobre os povos indígenas do Oiapoque, com destaque em obras como *Turé dos povos indígenas do Oiapoque* (2009) e *Artefatos e matérias-primas dos povos indígenas do Oiapoque* (2013). Além disso, ocupa a posição de presidente do Instituto Alceu Karipuna-Akari. Como coautora, recebeu o Prêmio Jabuti 2023 - Fomento à Leitura. *Amapá terra ancestral 80 anos*, p. 72
- 37 Bruno Muniz é poeta goiano radicado no Amapá. Tem quatro livros publicados e diversos prêmios literários pelo país. *Pra lembrar*, p. 74
- 38 Fábio Nescal nasceu na cidade de Macapá (AP). Graduado em Pedagogia, poeta e contador de histórias. É membro da Associação Literária do Estado do Amapá (ALIEAP) e da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes (FEBACLA). O poema “Boliviafuá” e seu conto “Anauerapucu (a origem do nome)” foram selecionados e incluídos no material didático do Ensino Fundamental 1 (Programa Criança Alfabetizada – PCA). Fábio Nescal é autor das seguintes obras literárias: *O pedófilo e outros contos* e *Desejo proibido e outros poemas*. *Estado do Amapá*, p. 75
- 39 Ivaldo Sousa nasceu em 1973. Possui doutorado em Educação, mestrados em Ciência da Educação e Planejamento e Políticas Públicas, e diversas pós-graduações, abrangendo áreas como fotografia, psicopedagogia, metodologia do ensino de arte, história e literatura

afrodescendente, tutoria EAD, docência do ensino superior, produção cultural, arte e entretenimento. É parecerista da Revista Científica da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), consultor em cultura e artesanato pelo SEBRAE-AP, e organizador e idealizador do Movimento Literário Afrologia Tucuju, voltado para a literatura afro-amapaense, sendo premiado por projetos educacionais, reconhecido em âmbitos nacional e internacional. Como pesquisador, dedica-se à busca por formas eficazes de inclusão social para grupos minoritários, posicionando-se firmemente contra preconceitos e exclusões sociais. Recebeu diversos prêmios, incluindo o Circula Amapá da SECULT e o prêmio Maestro SIDNEY SABOIA, e foi classificado entre os melhores projetos educacionais e nacionais. *Águas a deslumbrar*, p. 76

- 40 Há 33 anos radicado em Macapá (AP), o poeta Joãozinho Gomes construiu uma obra literomusical sólida ao lado de compositores amapaenses como: Enrico Di Miceli, Val Milhomem, Amadeu Cavalcante e Zé Miguel. Ao longo desses anos ele atuou como letrista quase integral em projetos definitivos para a consistente evolução da música brasileira composta no estado do Amapá, projetos da envergadura e importância dos CDs *Planeta amapari*, *Senzalas*, *Tambores do meio do mundo*; todos escritos em parceria com Val Milhomem, Amadeu Cavalcante e Zé Miguel. Em seguida, compôs, em parceria com Val Milhomem, o CD *Constelação de parentes* e, com Enrico Di Miceli, os CDs *Amazônica elegância* e *Timbres e temperos*, este último gravado juntamente com Enrico Di Miceli e a cantora Patrícia Bastos. *Oitent'anos (do meu templo em mim)*, p. 78
- 41 Jô Araújo é economista, Doutora Honoris Causa em Literatura, filha de Joaquim Fernandes Souza e Maria de Nazaré Araújo Souza. Aos 10 anos começou a escrever pequenos textos poéticos que eram utilizados em eventos escolares e publicados em jornais locais. Atualmente é conselheira estadual de Cultura; representante do segmento da Literatura, é membro da Academia Amapaense de Letras do Estado do Amapá, ocupante da cadeira nº 19 – Patrono João Álvares de Azevedo Costa. *Salve Amapá*, p. 80

- 42 Escritor, poeta, professor, José Queiroz Pastana nasceu às margens do igarapé do Paxicu, distrito de Fazendinha (AP), em 27 de novembro de 1964. Casado com Rita de Jesus Pastana, dessa união nasceram três filhos: Vanessa, Andreza e Júnior. Graduado no curso de Licenciatura Plena em Letras e pós-graduado em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, com extensão em complementação do Magistério Superior. Foi-lhe outorgado pelo Centro Sarmathiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos o Título de Doutor Honoris Causa em Literatura e título de Marquês PASTANA, em 2022. Publicou quatro livros autorais: *Oscilações*, *No meio do mundo*, *Nos céus da vida* e *Poemas e um amor*. Em 2017, foi eleito Sócio Efetivo e Perpétuo da Academia Amapaense de Letras, bem como Acadêmico Nacional da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes (FEBACLA) e Sócio-fundador da Associação Literária do Estado do Amapá (ALIEAP). Atualmente é gerente da Biblioteca Pública Estadual Elcy Lacerda. *Macapaba*, p. 81
- 43 Leacide Moura é amapaense, profa. esp. educ., poetisa, escritora e organizadora de obras da literatura brasileira. Importante organização com Lenilson Silva (Paraíba): *Sementes na educação – professores escritores*; com Amanda Barreiros e Iramel Lima (Amapá): *Antologia todas as cores*; com Amanda Barreiros (Amapá): *Antologia mulheres livres senhoras de si*; e com Cema Lins (Pernambuco): *Morada do amor*. Existem estudos científicos na carreira literária da escritora em universidades e simpósios nacionais e internacionais. Tem publicações em diversas obras organizadas por autores nacionais. *Octogenário do meio do mundo*, p. 82
- 44 Mathias de Alencar é poeta e professor na UNIFAP e na pós-graduação em Filosofia na UFPA. Recebeu o prêmio literário Sweek Tomorrow (2017) pelo melhor conto escrito em língua portuguesa. É autor de um romance (*Falografia de mulher*; 2016) e de dois livros de poesia (*Poemalimpo*; 2016; *Ninguém há de doar-se a dois amores ou Julieta*; 2023), além de outros dois livros na área de Filosofia. Muito influenciado pela linguagem da poesia teatral e pela prosa de Woolf e Joyce, de Hesse e Machado, tem se dedicado a uma poética que ao mesmo tempo seja uma narrativa e explore as imagens e os sons

das palavras como potências da experiência estética de uma arte ritual. *Amapá, cidade fortaleza*, p. 83

- 45 Maria Lua é jovem poeta, mulher, amapaense e apaixonada pela literatura. Em suas obras, buscar falar sobre vivências do cotidiano e procura mostrar para todos através de seus poemas sua paixão pela região Norte. *Terra de chuva*, p. 84
- 46 Mary Paes é matogrossense-do-sul, mas mora em Macapá desde 2005. É poetisa, performer e atriz. Tem formação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Iniciou-se na escrita aos 6 anos de idade e passeia pelos vários segmentos da literatura, incluindo a poesia erótica, a linha na qual mais se destaca. Tem dois livros publicados e obras em mais de dez coletâneas poéticas, publicações em revistas literárias nacionais e HQs. Atualmente apresenta o projeto lítero-musical Penélope Moderna. *Meu caso sério*, p. 85
- 47 Neth Brazão é professora, graduada pela Universidade Federal do Amapá em Artes Visuais, com especialização em Neuropsicopedagogia e Docência do Ensino Superior (FACEL) e mestrado em Ciências da Educação em Universidade Tecnológica Intercontinental (UTIC – PY). Tem publicações poéticas desde 2013, com participação em várias coletâneas no decorrer dos anos, sendo de poemas, contos e crônicas. Tem um livro de poesias publicado em 2020 em e-book na plataforma Amazon com o título: *Samba de dois. A pátria que me escolheu*, p. 86
- 48 Ricardo Iraguany é paraense, amazônida, vive desde 1995 em Macapá (AP), onde atua profissionalmente como professor de Artes da rede pública de ensino. Somando-se a sua graduação em Artes, é bacharel em Direito e pós-graduado em Docência do Ensino Superior, sendo que desde a adolescência desenvolve as atividades de poeta, cantor, compositor e produtor cultural, com participações significativas em vários concursos e manifestações culturais no Pará, Amapá e Amazonas. Como poeta, participou da primeira mostra de poesia da Igreja luterana, do primeiro Festival de Poesia da SECULT/AP, integrou a coletânea “Poetas na Linha Imaginária”. Fez parte da seleção de poetas promovida pelo SESC/AP, participou da FLIMAC

e é colaborador do Blog de Rocha, onde publica poemas. *Equino-
ciando*, p. 87

- 49 Rafael Senra (Congonhas, 17 de março de 1982) é um artista multi-
mídia brasileiro e atua como escritor, músico e autor de histórias
em quadrinhos. É doutor em Letras pela Universidade Federal de
Juiz de Fora e professor adjunto no curso de Letras-Português da
Universidade Federal do Amapá desde 2018. Dentre suas obras li-
terárias, destacam-se o livro *Dois lados da mesma viagem* (Bartlebee,
2013), que conta com apresentação de Fernando Brant, e seu ro-
manço *Meu personagem no divã* (Urutau, 2023). Em 2009, iniciou sua
carreira como autor de quadrinhos, com diversas obras publicadas.
Através do selo polonês Progshine Records, Rafael já lançou seis
discos autorais, dois deles indicados ao Grammy Latino. *Portal da
Samaúma*, p. 88
- 50 Rostan Martins é doutor em Comunicação e Semiótica (PUC/SP, 2012);
mestre em Comunicação e Semiótica (PUC/SP, 2002); professor da
Universidade Federal do Amapá (colegiado de Artes Visuais); especia-
lista em Marketing Político e Propaganda Eleitoral (USP/2012); poeta;
jornalista provisionado; radialista; arquiteto e urbanista; pesquisador.
Membro efetivo da Academia Amapaense de Letras (AAL), ocupando
a Cadeira de nº 7. Publicou, entre outros livros: *Alô, alô Amazônia – a
linguagem da floresta no rádio* (Limiar/SP, 2006); *Comunicação e semió-
tica do marabaixo* (Editora da Unifap/2016); *Lume – escritos do instante*
(poesias, Scortecci, 2012); *Momentos* (poesias, Scortecci, 2013); *Luminal*
(poesias, Scortecci, 2014). *Amapá do amor*, p. 89
- 51 Cláudia A. Flor D’Maria é bisneta, neta e filha indígena do povo
Itaquêra/Itakuera/PA por parte de sua mãe e filha de ribeirão por
parte de pai. Natural de Macapá (AP), nasceu no dia 27 de junho de
1978 em território Tucuju. Usa o pseudônimo de Cláudia A. Flor
D’Maria. Carrega consigo a cultura ribeirinha e a ancestralidade
indígena de sua avó Maria e mãe, mulheres fortes e guerreiras. É
graduada em Letras pela UFPA, mestre e doutora em ensino pela
UNIVATES/RS. Professora do Instituto Federal do Amapá (IFAP),
faz parte do Mulherio Nacional das Letras Indígenas. É performer,

compositora, poeta, contista, pesquisadora e ativista das causas indígena. Sua escrita permeia os territórios culturais indígena, ribeirinho, caboclos e o urbano em versos e prosa. *Berço das águas: Amapá*, p. 90

- 52 Ana Anspach é poeta, graduada em Publicidade e Propaganda e tem licenciatura no Programa Especial de Formação Pedagógica para Formadores da Educação Profissional. É membro da Associação Literária do Estado do Amapá (ALIEAP), do grupo literomusical Coletivo Juremas, do grupo Abeporá das Palavras, da Academia de Letras Guimarães Rosa (ALEGRO) e da Academia da Liberdade e Independência Poética (CLIP). Ana Anspach também lançou o livro *A trilha do mar* em 2018. *Lugar de águas doces*, p. 93
- 53 Bárbara Primavera é natural de Afuá (PA), onde iniciou sua carreira como poeta e escritora, celebrando a diversidade da poesia feminina e suas raízes regionais. Desde 2015, atua em Macapá (AP), participando de rodas de poesia e exposições, além de ter integrado o programa “Arte das Artes” na Rádio Universitária. Em 2019, apresentou seu primeiro recital solo, “Por onde nascem as flores”, no Sesc Araxá, compartilhando sua visão que abrange do rio ao asfalto. Partilhou seus trabalhos com muitos poetas amapaenses. Em 2021, realizou o recital “Quem me benze” na Quarta de Arte da Pleta. Atualmente, integra o coletivo Juremas e Abeporá das palavras, vive em João Pessoa (PB), onde cursa Psicopedagogia na UFPB, e leva sua poesia ribeirinha da Amazônia para o Nordeste em apresentações e em seu blog. *Recado da encomenda*, p. 94
- 54 Hayam Chandra, de origem hindu, significa energia da lua. É mulher, afro-indígena, atua há 19 anos como atriz, poeta, bailarina e professora de teatro e dança. Iniciou sua carreira artística em 2004 com o projeto “grandes poemas em boca miúda”, quando fundou o grupo de teatro, dança e poesia “Boca Miúda”. Seu propósito é disseminar a múltipla cultura amazônica brasileira do “Meio do Mundo” (Amapá) para o Mundo.
- “...Vou montada nos meus sonhos e mesmo que eu caia sou cobaia de mim...” *Encantos do meio do mundo*, p. 95

- 55 Nascido em Palmeiras, no Piauí, Pedro Henrique é formado em Secretariado Executivo. Mudou-se para Macapá ainda quando criança. Começou sua trajetória na literatura em 2007, nas aulas de Literatura do ensino médio. Neste ano Pedro começou a visitar o espetáculo de poesias do grupo Abeporá das Palavras. Em 2011 começou a participar do grupo Poesia Boca da Noite, lendo seus poemas em diversos pontos da capital amapaense. Em 2012 participou da Coletânea de Poemas Poesia na Boca da Noite, e esteve no lançamento na Bienal do Livro em São Paulo (SP). *Macapá, meu meio do mundo*, p. 96
- 56 Pedro Stkls é poeta, escritor, dizeador de poesia e produtor cultural que já atua há mais de 15 anos pela cultura do estado do Amapá. Esteve presente na comissão da Feira do Livro do Amapá (FLAP). Representou o seu estado em diversas feiras e festas literárias pelo Brasil: Feira Pan-Amazônica do Livro (PA), OFF FLIP (RJ), Festa Literária de Marechal Deodoro (FLIMAR) (AL); Festival de Inverno de Garanhuns (PE) e Bienal Internacional do Livro da Bahia (BA). É fundador do grupo literomusical Poetas Azuis, em que atua como poeta e compositor. *Colônia de peixes*, p. 97
- 57 Thiago Soeiro é jornalista e poeta. Um dos criadores do grupo literomusical Poetas Azuis. Atua na cena literária amapaense desde 2009. Autor do livro *Salva-vidas*, lançado em 2021. Já esteve presente na Exposição Poesia Agora, no Museu da Língua Portuguesa, onde reuniu 500 poetas de língua portuguesa do mundo. Atua como declamador, já tendo participando de eventos nos estados do Pará, Alagoas, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Thiago também já desenvolveu projetos de audiolivro e videopoemas traduzidos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). O poeta também produz vídeos declamando poesia em suas redes sociais. *Rio Jari*, p. 98
- 60 Carla Nobre é poeta, professora, graduada em letras pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), especialista em língua portuguesa (IESAP), mestre em Letras (UNIFAP). Foi conselheira de Cultura, Coordenadora do PROLER (AP), membro do Grupo de Trabalho que organizou a política estadual do livro e da leitura e idealizadora do Festival Literário de Macapá (FLIMAC). Foi vencedora, por duas vezes, na Etapa Estadual do Prêmio Professores do Brasil e atua no Coletivo Juremas.

Fotos

Raimunda Pereira Amorim (Raih Amorim) possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2014) e especialização em Gestão e Coordenação Escolar na Faculdade de Teologia e Ciências Humanas, em Docência do Ensino Superior e Educação Digital e em Educação Especial. Participa do Grupo Abeporá das Palavras e do Coletivo Juremas. Atuou na Coordenação Pedagógica na SESI. Atualmente produz conteúdo em seu blog autoral <https://raihamorim.blogspot.com/>, que traz suas fotografias alimentadas em poesia e crítica social. *p. 81*

Aog Rocha, nascido na cidade de Marapanim (PA), é artista visual, fotógrafo, videomaker, professor de fotografia e biomédico com especialização em Engenharia Ambiental. Possui experiência nas áreas de design gráfico, roteiro, fotografia e produção de cinema, fotografia artística e jornalística, fotografia contemporânea e marketing político. Leitor assíduo, amante de animais e da natureza, integrante do Grupo Urucum, atualmente integra a equipe de fotógrafos da Secretaria de Comunicação do Governo do Estado do Amapá. *p. 17 e 59*

É com imensa satisfação que tenho o privilégio de introduzir esta obra singular, fruto do esforço e talento dos poetas que participaram do Prêmio FLIMAC de Poesia, em comemoração aos 80 anos do Território Federal do Amapá. Ao longo desse processo, testemunhamos a paixão e dedicação dos participantes, que resultaram na seleção dos 30 poemas que compõem a Parte I deste livro, que leva o mesmo nome da edição.

Além dos selecionados, esta obra se estende para a Parte II e III, evidenciando a diversidade e riqueza da produção literária amapaense. A segunda parte conta com a contribuição de renomados escritores convidados, agregando ainda mais valor à primeira edição do Livro FLIMAC. Já na terceira parte, a coordenação deste trabalho também compartilha sua expressão poética, enriquecendo ainda mais o conteúdo da publicação.

Assim, para mim, como cidadão amapaense e hoje Senador do estado do Amapá, recebo com profunda gratidão o apreço de ser o primeiro leitor do livro e poder escrever seu Prefácio, convidando mais leitores a se engajarem no movimento FLIMAC de difusão dos nossos artistas da palavra, pois é importante ressaltar o papel de todo o processo do Festival na promoção e valorização da produção literária local, destacando a rica história e cultura do Amapá, seguida por uma reflexão sobre a importância da literatura como expressão e preservação desse patrimônio cultural.

Senador Randolfe Rodrigues



BAIXE GRATUITAMENTE
ESTE LIVRO EM SEU CELULAR

Encontre este livro gratuitamente em formato
digital acessando: livraria.senado.leg.br

SENADO FEDERAL

